

La connaissance de la Mythologie est indispensable,
pour comprendre les poètes anciens et modernes.

Chompré.

PERNAMBUDO; NA TYPOGRAFIA FIDEDIG... ,
RUA DAS FLORES, N. ° 18. — 1831.

PREFACIO.

O RESUMO de Mythologia, que offerecemos ao Publico, faz parte d'um tratado completo d'educaçãõ primaria, que pretendemos dar á luz.

A evidencia da utilidade d'este epitome está assás provada para que nos dispusemos de fazer sua apologia.

A traducçãõ dos Authores antigos, e a leitura dos Poetas modernos saõ sem fruto para quem ignora as fabulas do Polytheismo.

Só nos resta pois chamar á este opusculo a indulgencia publica; e, se a simplicidade do estilo que adoptamos, e a ordem facil á seguir que empregamos, forem proveitosas aos principiantes, teremos conseguido o uniço premio á que aspiramos.

RESUMO DE MYTHOLOGIA.

INTRODUÇÃO.

MYTHOLOGIA é a descripção dos Deuses do paganismo.

Estas Divindades, veneradas pela superstição dos povos, foram invenções allegoricas dos Sacerdotes egypcios, fundadas sobre a astronomia.

SECÇÃO' I.

Divindades principaes.

CAPITULO I.

Chaos e Erebe.

De todos os Deuses o mais antigo é o Chaos, cujo nome significa a confusão dos

elementos, antes de existir a ordem admiravel do Universo.

Chaos teve por esposa Erebe, Deosa das trevas, (*) e d'esta uniaõ nasceraõ as Divindades seguintes:

1.^a O Destino, a' cujo arbitrio eraõ sujeitos os mesmos Deoses.

2.^a A Morte, representada em figura d'esqueleto, com ~~as~~ ~~as~~ ~~negras~~, e uma foice na maõ.

3.^a A Discordia, banida do Ceo pelas frequentes rixas, que excitava entre os immortaes: esta Deosa representava-se toucada de serpentes, tendo nas mãos ensanguentadas, uma tocha ardente, uma cobra, e um punhal.

4.^a Nemesis, Deosa da vingança cujas funcções eraõ punir o crime, e premiar a virtude.

5.^a As Parcas, á saber: Clotho, que dava o decurso da vida humana; Lachesis, que sustinha a roca; e Atropos, que cortava o fio da existencia.

(*) *Alguns mythologos referem que Erebe era mulher de Chaos, e outros querem que fosse seu filho. Escolhemos a allegoria mais simples.*

6.^a Ghea ou Titea, tambem chamada Terra.

7.^a Urano ou Ceo, que obteve o imperio do Universo.

CAPITULO II.

Urano e Ghea.

Urano desposou Ghea, sua irman, e d'ella houve

1. ° Os Centimanos, Briareo, Gyas, e Cæo, gigantes que tinhao' cem braços.

2. ° Os Cyclopes, Arges, Brontes, e Steropes: estes forjavao' os raios nas cavernas do monte Etna (*); e tinhao' um so olho no meio da testa.

3. ° Os Titanes, Titað, Oceano, Creo, Hyperion, Japeto e Saturno.

4. ° As Titanidas, Thetis, Rhea, Themis, Thia, Mnemosyne e Phœbe.

Receando as forças dos Centimanos e Cyclopes, Urano os afferrolhou n'um tenebroso abismo, chamado Tartaro.

Ghea, irritada d'este injusto procedimento, armou os Titanes contra seo marido, que foi por elles detronisado.

(*) *Volcãõ famoso na ilha de Sicilia.*

CAPITULO III.

Saturno e Rhea.

Saturno, o menor dos Titanes, foi que mais se distinguio na revolta contra seu pai, e, com sua foice, o mutilou.

Titão, seu irmão mais velho, á quem por direito pertencia o imperio, lho celeo, debaixo da condiçao' de devorar seus proprios filhos.

Segundo esta convençao, Saturno devorou Vesta, Ceres, Juno, Plutao' e Neptuno, que houve de Rhea, tambem chamada Cybele.

Esta para livrar seu filho Jupiter da voracidade paterna, deo á seu esposo uma pedra, e o deos a engulio em vez do recém-nascido.

Os Titanes informados d'esta fraude, lhe fizeram guerra, e depois de vencido, o encerraram com Cybele n'uma estreita prizao.

Jupiter n'uma tenra idade, atacou seus tios, e os forçou a restituir o sceptro a seu pai.

Receando que Jupiter conforme á predicçao' que lhe fizera Urano, usurpasse o imperio, Saturno declarou guerra á seu

filho, mas fôï por elle expulso do Ceo.

Representa-se Saturno, na forma d'um velho com azas, tendo na dextra uma foice emblema da destruição' do tempo, ao qual este deos presidia.

Cybele era representada em figura de mulher robusta coroadada de torres, tendo uma chave na mao' e sentada n'um coche tirado por quatro leões.

Esta deosa era a natureza personificada.

CAPITULO IV.

Idade d'Ouro.

Jano reináva no Lacio, onde acolheo Saturno, forçado á se refugiar sobre a terra.

Este Deos abrandou os costumes dos povos: os homens, instruidos por elle, passavao' uma vida prospera; isentos de paixões desordenadas, o vicio era desconhecido, e a virtude respeitada.

A terra coberta de verdura offerencia á seos felizes habitantes as flores variadas da Primavera, as searas abundantes do Estio, e os fructos deliciosos do Outono.

Regatos serpeando corriaõ' pelos prados risonhos, onde derramavaõ' uma sua-

ve frescura, e, confundindo seos murmurios com os gorgeios das aves, formavao' uma doce harmonia, que convidava aos prazeres innocentes as pastoras ingenuas d'estas viçosas campinas.

Foi n'esta feliz época, que Astrea, filha de Themis, Deosa da Justiça, attrahida pelos encantos d'uma vida innocente, deixou a companhia dos Deoses, e veio se estabelecer entre os humanos; mas em breve, a maldade succedendo á innocencia, a Virgem celeste abandonou os mortaes degenerados, e tornou para o Ceo.

CAPITULO V.

Jupiter.

Depois que Cybele subtrahio Jupiter á voracidade do velho Saturno, o entregou aos Corybantes.

O recém nascido, amamentado pela cabra Amalthea, foi educado por estes Sacerdotes, dedicados ao culto da Deosa sua mãe, no monte Ida, na ilha de Creta.

Para que seo pai, e os Titanes não ouvissem os gritos do joven Deus, elles tocavao tympanos, e dansavao com grande alarido.

Jupiter, tendo se apoderado do Uni-

verso, cedeo á Neptuno o dominio dos mares, á Plutað a regencia dos infernos, reservando para si o imperio do Ceo.

Sua morada favorita era no Olympto, (*) onde sobre um trono magestoso, presidia aos concelhos dos Deoses, dos quaes era denominado *Pai*.

Os mythologos o representad na figura d'um veneravel anciad, tendo na mað os raios forjados pelos Cyclopes, e levado por uma aguia, por isso chamada, ave de Jupiter.

Aconselhado pela Oceanida Metis, sua primeira esposa, Jupiter deo á seo pai uma beberagem, que o fez vomitar os filhos, por elle devorados.

CAPITULO VI.

Juno.

Jupiter; em forma de cuco, fez Juno sua irman sensivel á seo amor. e a desposou na ilha de Creta, onde todas as Divindados assistirað ás suas bodas.

D'esta uniaõ nascerað Hebe, Marte e Vulcano.

(*) Monte da Thessalia, onde se ~~petunia~~
o conzelho dos Deoses.

A deformidade d'este, e a altivez de sua mãe indispuzeram o marido, que, desde esse tempo, a disprou, preferindo-lhe outras Deusas, e mesmo mortaes.

A ciosa Juno se retirou a' Samos, onde Jupiter, para punil-a de seus zelos, fez publicar a noticia de seu casamento com Platea, nympa de rara formosura.

Uma estatua sumptuosamente ornada foi, por ordem do Deus, conduzida n'uma carroça pelas ruas.

A Deosa, persuadida de que esta effigie era sua rival, a despedaçou na sua ira; mas, descoberto o stratagem, se reconciliou com seu marido.

Orgulhosa e vingativa, Juno não cessou de perseguir suas rivales, cujos filhos não foram isentos de seu ressentimento.

Debaixo do nome de Lucina, ella presidia aos matrimonios, e partos felizes: representava-se sentada sobre um throno, cingida a cabeça com um diadema, tendo na mão um sceptro; e a' seus pés um pavão, ave que lhe era consagrada, por ser o symbolo do orgulho.

Os habitantes de Samos e d'Argos rendiam a Juno, sua Deosa tutelar, um culto especial.

CAPITULO VII.

Hebe.

Hebe, a mais linda de todas as Divindades, era Deosa da mocidade.

Nos banquetes dos Deoses, seo emprego era lhes apresentar o nectar n'uma taça d'ouro.

Tropeçando na salla do festim a modesta copeira, teve tanto pejo de sua queda, que recusou continuar no seo cargo.

A fim de preencher suas funcções, Jupiter, transformado em aguia, arrebatou para o Olympo Ganymedes, mancebo de rara formosura, filho de Tros, rei de Troia.

Para a consolar da perda de seo emprego, Jupiter a deo em matrimonio á Hercules seo filho, admittido entre os Deoses.

CAPITULO VIII.

Marte.

Marte, filho de Jupiter e de Juno, era Deos da guerra: presidia aos combates; e os guerreiros o invocavaõ para lhes inspirar o ardor marcial.

Sua habitaçãõ mais frequente era na Thracia, (*) considerada como sua patria, e cujos habitantes erãõ famosos n'arte da guerra.

Os poetas o representãõ armado d'uma lança, ou d'uma espada, com couraça, escudo e capacete; a Fama, com uma trombeta, annuncia suas façanhas, o Furor o precede, o Terror e a Ira formãõ seo cortejo.

Os Romanos, que attribuiãõ a origem de Romulo á Marte, lhe edificarãõ varios templos, onde este Deos recebia d'este povo conquistador um culto particular.

Bellona, sua irman, era encarregada de conduzir seo coche, esta Deosa figurava-se com azorrague na maõ, os cabellos desgrenhados, e os olhos flammejantes.

O gallo (**) symbolo do valor lhe era consagrado.

CAPITULO IX.

Vulcano.

Vulcano, Deos do fogo, filho de Ju.

(*) Hoje Bulgaria, e Romania, provincias da Turquia.

(**) Vede Alectryon, Cap. X.

piter e de Juno, nasceo taõ disforme que seo pai exasperado o precipitou do ceo á terra com um pontapé.

Na sua queda, quebrando uma perna, veio á ser coxo.

Seo emprego era forjar com os Cyclopes, seos officiaes, os raios de Jupiter, e as armas dos Deoses, nas cavernas do Etna, e nas ilhas de Liparo, (*) e de Lemnos. (**)

Os Mythographos o representaõ, com barba espessa, cabellos desordenados, vestido d'huma tunica curta, toucado com um bariete conico, tendo na dextra um martello, e na esquerda uma tenaz.

Jupiter, compadecido de sua desgraça, e satisfeito de seo zelo em fabricar os raios, lhe deo em casamento Venus, a mais formosa das Deosas.

CAPITULO X.

Venus.

Venus, esposa de Vulcano, Deosa da formosura, nasceo da escuma do mar, fe-

(*) *Visinha da Sicilia.*

(**) *No Archipelago.*

cundada pelo sangue d'Urano mutilado, d'onde derivou o nome d'Aphrodite. (*)

Apenas nasceo, Zephyro a transportou á ilha de Cypre, onde foi creada pelas Horas.

Pitho, Deosa da eloquencia, e as Grãças, Euphrosyna, Thalia e Aglaia, eraõ suas fieis companheiras.

Sua carroça era uma concha tirada por duas pombas, por isso chamadas aves de Venus.

Seo adorno mais precioso era um cinto magico, que realçava tanto o esplendor de seos encantos que nem um Deos lhes podia resistir.

Pouco satisfeita de seo matrimonio com um Deos deforme, coxo e immundo, Venus lhe foi muitas vezes infiel.

Marte, o mais favorecido de seos amantes, durante suas visitas nocturnas, punha de sentinella seo confidante Alectryon, cuja vigilancia Vulcano illudio.

Armando uma rede de bronze, taõ delgada que era quasi imperceptivel, e taõ

(*) *Palavra grega, que significa escuma; por ter templos famosos em Cypre, e Cythera, Venus era tambem chamada Cypria e Cytherea.*

forte que o mesmo Marte não a pôde romper, o ciioso marido expoz ao escarneo dos Deoses reunidos estes amantes sobresaltados.

Irado do descuido de seo confidente, Marte o metamorphoseou em gallo, ave que, em lembrança d'este castigo, annuncia a volta do dia.

Dos amores de Venus e Anchises, principe troyano, nasceo Eneas.

Esta Deosa inconstante houve de Mercurio Hermaphrodito, que reunia em si ambos os sexos; de Baccho, Hymeneo, Deos do matrimonio, representado em figura de mancebo coroadado de flores, e tendo na maõ uma tocha accesa, e Priapo Deos da geraçãõ; em fim de Marte houve Cupido.

CAPITULO XI.

Cupido.

Cupido era Deos dos amores.

Jupiter, prevendo os males que havia de causar, quiz obrigar sua mãi á desfazer-se d'elle; mas, a fim de subtrahil-o á sua ira, Venus occultou o recém-nascido n'uma floresta, onde foi amamentado por feras.

Psyche, joven princeza, cuja formosura igualava a de Venus, foi amada de Cupido, que a fez transportar por Zephyro, d'um rochedo, onde fôra exposta a um monstro, para um magnifico palacio, no qual era servida por nymphas invisiveis.

Receando a ira de sua mãi, invejosa da formosura de Psyche, Cupido, nas suas visitas nocturnas, lhe advertio que, se tentasse vel-o, uma separação inevitavel seria o castigo de sua curiosidade.

Entretanto, uma irmã da joven princeza, por inveja, persuadio-a que se o amante era o mesmo monstro, que devia a devorar.

Para se convencer da verdade, uma noite, deixou o leito, armou-se com uma espada, e, ao clarãd d'uma lampada, descobrio, em vez do pretendido monstro, o gentil Cupido adormecido.

Extasiada á vista de tanta belleza, deixou, na sua perturbaçãd, calir um pingo d'azeite sobre o peito do Deos, que o dispartou.

Irritado de sua indiscriçãd, Cupido desapareceo, e sua amante infeliz, errante, e perseguida por Venus, succumbio á vingança de sua inimiga.

Jupiter, á rogo do filho de Venus, a

B.

immortalisou, e lha deo em matrimonio; d'esta uniaõ nasceo a Voluptuosidade.

Cupido se representa em figura de menino vendado, com azas purpurinas, azues, e douradas, armado d'um arco d'ouro, trazendo aos hombros uma aljava, cheia de penetrantes setas, cujas feridas inspira-vaõ amor, ou aversaõ.

Os Risos, Jogos e Prazeres, tambem representados em figura de meninos alados, formavaõ, com as Graças e Cupido, o cortejo de Venus.

CAPITULO XII.

Minerva.

Jupiter advertido por uma predicçaõ do Destino, que nasceria de Metis, sua primeira esposa um filho, que havia expulsal-o do Olympo, receando o cumprimento do decreto, devorou esta Oceanida (*)

Pouco depois, opprimido d'uma violenta dor de cabeça, mandou que Vulcano lha fendesse com um machado: d'ella sahio Minerva, Deosa da sabedoria e das ar-

(*) *As Oceanidas eraõ filhas do Titane Occano e de sua irmã Thetis.*

tes, revestida d'uma completa armadura.

Os homens lhe devêraõ varias invenções uteis; e d'ella Apollo apprendeo á tocar a lyra.

Debaixo do nome de Pallas, protegia os heroes, á quem ensinava a arte da guerra.

Minerva (em grego, chamada Athenea), deo seo nome a cidade d'Athenas, cujos habitantes a veneravaõ como sua Deosa tutelar: e foi nessa occasiaõ que produzio a oliveira symbolo da paz, cuja cultura ensinou aos Athenienses.

Pallas era vingativa: Arachne destra bordadora, que d'ella aprendera sua arte, tendo a presumpçaõ de preferir suas obras ás da Deosa, foi, em castigo, convertida em aranha.

Irada contra Tiresias, principe thebano, que teve a temeridade de espial-a no banho, Minerva o privou da vista.

Ella se representa em figura de moça esbelta, e de talho varonil, vestida d'uma longa tunica, e coberta d'uma cota d'armas; ao braço esquerdo leva a Egide, (*) e

(*) *Escudo coberto da pelle do monstro Egis, que matara.*

na dextra uma lança, ou um ramo d'oliveira.

Um mocho, ave que lhe era consagrada é sobreposto á seo capacete; e sua carroça é tirada por estes passaros nocturnos.

CAPITULO XIII.

Neptuno.

Quando Jupiter repartio o Universo, o dominio dos mares tocou á Neptuno, que desposou Amphitrite, (*) filha d'Oceano e de Thetis.

Esta Deosa, no principio, insensivel á seos desvelos, foi persuadida por um delfim á receber a maõ do soberano dos mares, e por elle conduzida á seo palacio.

Em recompensa d'este serviço, Neptuno o collocou no Ceo, onde forma a constellação do Delfim.

A Deosa dos mares deo á luz Tritão; cujo emprego era ao som d'um buzio, fazer regressar á seos limites os mares transbordados, pelo furor dos ventos.

(*) Os poetas confundem Amphitrite com sua Mãe Thetis.

Auxiliando Apollo, n'uma conspiraçãõ contra Jupiter. Neptuno foi bandido do Ceo, e forçado á se refugiar na corte de Laomedonte, rei de Troia, cujas muralhas ajudou á reedificar.

Este principe lhe recusando seo salario, o Deos irritado fez assolar a costa por um monstro marinho.

Contendendo com Minerva, para dar seo nome a cidade d'Athenas, elle naõ pôde alcançar este privilegio.

De seos amores com a Nympha Thoosa nasceo polyphemo, (*) gigante terrivel, que habitava uma caverna perto do mar, onde se nutria de carne humana.

Como os mais Cyclopes, tinha um só olho no meio da testa; mas, em vez de participar de seos trabalhos, guardava na praia numerosos rebanhos.

Os poetas attribuem á Neptuno varios outros filhos; e geralmente os heroes celebres pela navegaçãõ derivaõ d'elle sua origem.

Representa-se sobre uma carroça, em forma de concha, tirada por cavallos marinhos, precedido de Tritãõ, rodeado de

(*) *Vede Ulysses Cap. XLV.*

Divindades maritimas, e tendo na mão o tridente. (*)

CAPITULO XIV.

Plutaõ.

Na repartiçãõ do Universo, Plutaõ obteve a regencia dos Infernos.

Os Campos Elyseos, e o Tartaro formavaõ seo imperio; n'aquelles, eraõ premiados os heroes celebres, os veneradores dos Deoses, e os bemfeitores da humanidade; n'este, os homens injustos e cruéis, os inimigos das Deidades, os despotas e tyrannos eraõ atormentados pelas Furias.

Estas, tambem chamadas Eumenides, eraõ filhas da Discordia, á saber: Alecto, Megera e Tysiphone; representavaõ-se armadas d'azorragues, toucadas de serpentes, e com archotes nas mãos.

O palacio de Plutaõ era situado alem dos tres rios infernaes, Acheronte, Coccyto e Styx; sua entrada era guardada por Cerbero, caõ de tres cabeças.

(*) *Sceptro de Neptuno, assim chamado por ter tres pontas.*

Charonte, barqueiro do inferno, transportava em sua barca as sombras d'aquelles que, sendo sepultados, pagavaõ sua passagem.

A' porta do negro palacio, velavaõ, a Morte, a Fome, a Velhíce a Guerra, a Discordia e as Molestias.

Minos, Eaco, e Rhadamanto eraõ os tres juizes do Inferno.

Plutaõ era representado sobre um trono d'ebeno, com uma coroa da mesma madeira, tendo na dextra o bidente, seo sceptro.

Elle era taõ horrendo que, nem uma das Deosas o querendo para esposo, se vio obrigado á roubar Proserpina, filha de Ceres, que entaõ colhia flores n'uma planicie da Sicilia.

Na sua carroça, tirada por quatro ginetes pretos, o Deos a conduzio á seo imperio, onde a desposou.

CAPITULO XV.

Ceres.

Ceres, Deosa d'agricultura, era filha de Saturno e Cybele.

Sua morada mais frequente era na Si-

cilia, n'um sitio delicioso, chamado Eri-na.

Desesperada do roubó de Proserpina, sua filha a procurava por toda a parte, inda de noite, com archotes accesos.

Um dia, opprimida de fadiga, pedio á uma velha, lhe alleviasse a sêde; esta lhe deo uma beberagem, que a Deosa sorveo com tanta avidéz, que um menino, ali presente, a escarneceo.

Indignada d'esta indiscriçãõ, Ceres lançando-lhe ao rosto o que ficara no vaso, o transformou em lagartixa.

Achando, perto da lagoa de Syracuse, o veo de sua filha, soube da Nympha Arethusa que Plutaõ a roubara, e desposando-a, ficara rainha dos Infernos.

A esta noticia, a terna mãi foi se lançar aos pés de Jupiter, pedindo-lhe a restituicãõ de Proserpina; mas o Destino, tendo decretado que, se ella comesse alguma cousa, no reino de Plutaõ, jamais voltaria; soube-se d'Ascalapho, filho de Acheronte, que, passeando nos Campos Elyseos comera umas bagas de roman.

Todavia, o Pai dos Deoses, compadecido de Ceres, ordenou que Proserpina passase com seo esposo e sua mãi, seis mezes alternativamente.

Os Sicilianos, e os Athenienses, á quem Triptolemo, instruido por ella, ensinou a agricultura, lhe rendião um culto particular.

Representa-se em figura de mulher robusta, de peitos cheios, coroada d'espigas, tendo nas mãs um archote, e um ramo de dormideiras: a porca, nociva ás sementeiras, lhe era immolada.

CAPITULO XVI.

Vesta.

Vesta, primogenita de Saturno e Cybele, era a Deosa protectora das casas, cuja invenção lhe foi attribuida.

Os mythologos frequentemente a confundem com sua mãi, e d'ahi veio a tradição de duas Vestas.

Seo culto, estabelecido na Italia por Eneas, príncipe troyano, consistia em conservar acceso o fogo, que lhe era cõsagrado.

As Virgens destinadas á este emprêgo, chamavaõ-se Vestaes: fazião votos de castidade, e eraõ enterradas vivas quando os violavaõ, ou deixavaõ apagar-se o fogo sagrado.

Rhea Silvia, uma d'ellas, seduzida por

Marte; deo á luz os gêmeos Romulo e Remo, fundadores de Roma.

Vesta é representada como sua mãe Cybele, mas não é como esta coroada de torres: em vez de chave, tem nas mãos uma taça e um archote.

CAPITULO XVII.

Latona.

Latona, filha de Cœo e da Titanida Phœbe, foi seduzida por Jupiter.

Juno, tendo descoberto sua prenhez, a lançou fora do Ceo, e não satisfeita d'este rigor, fez sahir da terra putrificada a serpente Python, encarregada de sua vingança.

A Terra prometteo á implacavel Deosa não lhe dar asylo; e Latona, perseguida pelo monstro, não achava um lugar onde parisse em socego.

Chegada á um sitio, no qual julgava achar descanso á suas fadigas, pediu agoa á uns camponezes que, além de lhe negarem este favor, tiveram a crueldade de insultal-a.

Angustiada d'esta inhospitalidade; quei-

xou-se á seo pai, que transformou em rans estes deshumanos.

Neptuno, compadecido de sua sorte, ferindo com seo tridente o abismo do mar, fez sahir a ilha Delos, que, fluctuando sobre as ondas, era isenta do juramento da Terra.

Foi n'essa ilha, á sombra d'uma palmeira, que Latona deo á luz Apollo e Diana.

CAPITULO XVIII.

Apollo.



Apollo era considerado como Deos da formosura e da graça varonil; era tambem Deos da poesia, da musica, e outras bellas artes: habitava com as nove Musas sobre os montes Parnasso e Helicon.

No Ceo, conductor da carroça do Sol, tirada pelos quatro cavallos, Eous, Pyrois, Ethon e Phlegon, era denominado Phebo; e se representava entaõ com a cabeça radiada, e azorrhague na maõ.

Esculapio, Deos da medecina, seo filho, por ter ressuscitado Hyppolito, foi fulminado por Jupiter; a fim de vingalo Apollo irritado matou com suas setas os Cyclopès, que forjavaõ os raios.

O Pai dos Deuses na sua indignação, o expulsou do Olympo.

No seo desterro, depois de guardar os rebanhos d'Admeto, rei de Thessalia, ajudou Neptuno á reedificar as muralhas de Troia: e, em castigo da má fé de Laomedonte, que lhe recusou seo salario, assolou o paiz com uma peste.

Apollo teve a indiscrição de confiar a conducção de sua carroça á Phaetonte seo filho; mas os cavallos, surdos á voz do joven temerario, se desviaraõ de seo curso, e Jupiter indignado o fulminou.

Namorado de Daphne, filha de Peneo, Rio da Thessalia, debalde procurou agradar-lhe; a Nympba insensivel á seus affagos foi transformada em loureiro, arvore consagrada ao amante inconsolavel.

Disfarçado no traje da mãe de Leucothoe, princeza de Babylonia, Apollo a seduzio: a Nympba Clytia descobrio este amor clandestino á Orchamo, pai de sua rival.

Este monarca cruel fez enterrar viva sua desgraçada filha que o Deos compadecido metamorphoseou n'uma arvore, que produz incenso.

Clytia, arrependida de sua traição, se deixou morrer de fome, e foi transformada em girasol.

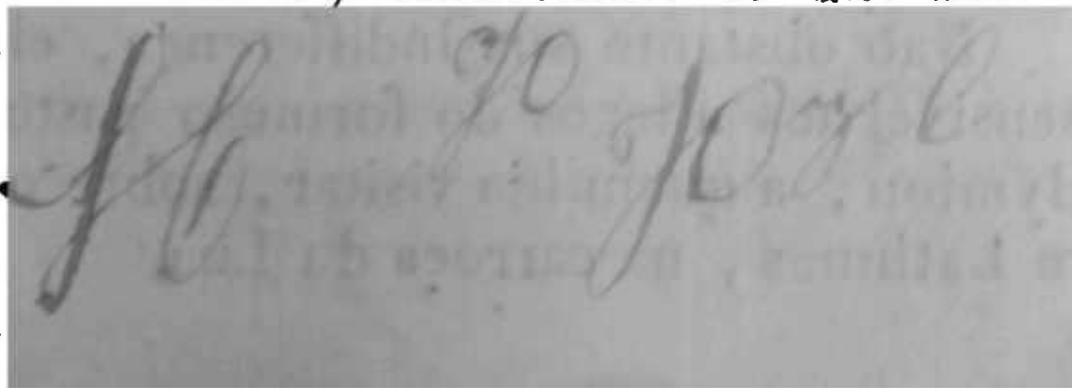
Cyparisso, confidente do Deos, por inadvertencia, matou um cervo por elle tão querido, que, inconsolavel de perdê-lo, se deu a morte, e foi mudado em cypreste, emblema do luto.

Hyacintho, outro seu favorito, jogava com elle o disco: Zephyro, cioso desta amizade, desviou a barra que batendo na testa do mancebo, o matou; Apollo, magoado da perda de seu joven amigo, transformou em flor de jacinto.

Para vingar Latona, sua mãe, traspasou com suas setas a serpente Python, cuja pelle cobria a tripode: sobre a qual sua sacerdotiza (por isso chamada Pythonissa) proferia seus oraculos.

Seos templos os mais famosos erão em Delphos e na ilha de Rhodes, onde se lhe erigio uma estatua, tão gigantesca que por entre suas pernas transitavaõ navios.

Apollo é representado em figura de mancebo formoso, com cabellos soltos e annelados: tendo nas mãos uma lyra d'ouro, uma aljava aos hombros, e junto á si os instrumentos, emblematicos das bellas artes.



CAPITULO XIX.

Diana.

Diana era, como Apollo, seo irmão, habil frecheira: no Ceo, onde guiava a carroça da Lua, era denominada Phebe.

No Inferno, onde detinha a quem do Styx, os manes dos que não tinham sido sepultados, chamava-se Hecate.

Na Terra, era Deosa da caça, e da castidade; as donzellas, que entravao no numero de suas nymphas, erao obrigadas á conservar virgindade: ella castigava severamente as que se deixavao seduzir.

Callisto, filha de Lycaon, rei d'Arcadia, illudida por Jupiter, foi expulsa de sua companhia, e transformada em urso pela sempre vingativa Juno.

A casta Diana não perdoava a mais leve offensa feita á seo pudor: methamorphoseou em cervo Acteon, que teve a temeridade de espial-a no banho: este infeliz caçador desconhecido de seus cães foi por elles despedaçado.

Naõ obstante sua indifferença, ella foi sensivel aos affagos do formoso pastor Endymion, a quem lia visitar, sobre o monte Lathmos, na carroça da Lua.

Sua habitação favorita era nos bosques d'Arcadia, onde caçava acompanhada de suas nymphas, e d'uma matilha de cães.

Sempre armada de arco e setas, distinguia-se de suas companheiras pela elegancia de seo talho, seo andar magestoso, e por uma meia lua que trazia na cabeça; era tambem representada n'uma carroça, puxada por corças, que lhe eraõ consagradas.

Seo magnifico templo em Epheso era uma das sete maravilhas.

CAPITULO XX.

Mercurio.

Dos amores de Jupiter e da Pleiada Maia, nasceo Mercurio, o mais activo e astucioso de todos os Deoses.

Sua mãe o deo á luz de manhan, ao meio-dia elle inventou a lyra, e de tarde ja tinha roubado o sceptro de seo pai, o martello de Vulcano, o tridente de Neptuno, as setas d'Apollo, e o cinto de Venus; foi provavelmente por isso que os ladrões o escolheraõ para seo Deos.

Alem d'esta honrosa profissãõ, Mercurio tinha outros empregos, como; interpretar a vontade dos Deoses, auxiliar seos

amores, levar as almas aos infernos, ou d'alli soltal-as.

Era tambem Deos da eloquencia, do commercio e dos viajantes.

Habil musico, ao som de sua flauta adormeceu o pastor Argo (*) e o matou para libertar Io, que Juno, rival d'esta princeza, transformara em vaca.

Sua propensaõ á rapina o determinou á furtar os rebanhos d'Admeto, guardados por Apollo entaõ banido do Ceo: receando a indiscriçaõ do pastor Batto, espectador do roubo, Mercurio lhe deu para calar-se a mais nedia das vacas furtadas; fingindo depois retirar-se, veio n'outra figura, offerecer-lhe um boi e uma vaca para descobrir o author do furto. O avido pastor seduzido pela offerta, divulgou o segredo: o Deos, em castigo, o mudou em pedra de toque, que serve para experimentar os metaes.

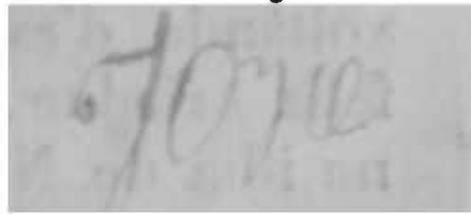
Sempre favoravel aos amores, libertou Marte, surprezo com Venus por Vulcano seo marido: elle mesmo naõ foi insensivel

(*) *Este pastor tinha cem ollos, com os quaes, depois d'elle morto, Juno cuseitou a cauda de seo pavaõ.*

aos encantos d'esta Deosa, e houve d'ella um filho (*)

Querendo um dia separar com uma vara que lhe dera Apollo, duas cobras que brigavaõ na estrada, ellas, enroscando as caudas n'uma extremidade, ficarãõ immoveis olhando uma para a outra; por isso esta vara foi chamada Caduceo, ou symbolo da paz.

Mercurio é representado em figura de mancebo esbelto e formoso. Como Deus dos mercadores leva na maõ uma bolsa; como embaixador dos Deoses, o Caduceo, tendo azas nos pés e no barrete, em symbolo de sua ligeireza.



CAPITULO XXI.

Baccho.

Jupiter namorado de Semele, filha de Cadmo, rei de Thebas, a seduzio.

A ciosa Juno, em figura e traje de Bereoe, aia d'esta princeza, lhe aconsellhou de pedir ao Deus que se manifestasse á ella, em toda a sua gloria.

(*) *Vede Cap. X.*

Este, tendo jurado pelo Styx (*) conceder-lhe qualquer mercê, lhe appareceo com o resplendor divino, armado de seos raios, que abrazao o palacio, onde pereceo, victima da vingança de sua rival.

Semele estava entao pejada de sete mezes, e Jupiter, salvando do incendio Baccho, seo filho, o trouxe na coxa, até o tempo de o dar á luz.

Depois de nascido, Mercurio transportou o joven Deos ao monte Nysa n'Arabia, onde foi creado pelas filhas d'Atlante. (**)

Baccho, Deos do vinho, foi um guerreiro celebre, e fez a conquista da India; voltando d'esta expedição, consolou a infeliz Ariadne, (***) abandonada por Theseo na ilha de Naxos.

Sileno, instituidor, e fiel companheiro de Baccho, o seguio nas suas conquistas, montado n'um asno; e na volta, se estabeleceo n'Arcadia, onde, naõ obstante sua propensao' á embriaguez, foi muito aceito dos pastores, pela jovialidade que o vinho lhe inspirava.

(*) *Os Deoses naõ podião violar este solemne juramento.*

(**) *Vede Cap. XXXV.*

(***) *Vede Cap. XLI.*

O filho de Semele é representado por varios modos, ora com cornos na cabeça, traçado com uma pelle de leopardo, tendo nas mãs um cantaro e uma taça, ora sentado sobre um tonel, coroado de pampano e hera, e as vezes n'um coche tirado por pantheras, armado do Thyrsos, (*) e seguido de Satyros (**) e Bacchantes.

Estas erã suas sacerdotizas, que, coroadas de folhas de vinha, cuja cultura ensinara aos homens, celebravaõ seo culto com uma licença desentreada. (***)

(*) Lança, rodeada de pampano e de hera, e sceptro de Baccho.

(**) Vede Cap. XXXIII.

(***) Das Divindades, doze somente erãõ admittidas nos conselhos dos Deoses, a saber: Jupiter, Neptuno, Marte, Mercurio, Vulcano, Apollo; e Juno, Vesta, Minerva, Ceres, Diana e Venus.

SECÇÃO' 2.

Divindades secundarias.

CAPITULO XXII.

As Musas.

As Musas, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, Deosa da memoria, erãõ compañeiras d'Apollo, e com elle presidiãõ ás artes e sciencias; ellas erãõ nove, á saber:

Clio, Musa da historia, que se representa coroada de louro, tendo na maõ um stilete e um rolo de papyro, (*) onde consignava os factos historicos.

Euterpe, que presidia á musica, inventora da flauta, representada em figura de donzella, coroada de flores, tendo junto á si papeis de solfa e uma flauta.

Thalia, Musa da comedia, representada com uma mascara na maõ, e coroada de hera.

Melpomene, Musa da tragedia, representada com semblante austero, vestida sumptuosamente, calçada de cothurnos,

(*) Casca d'un arbusto, e papel dos antigos.

tendo na dextra um punhal, e na esquerda sceptro e coroas.

Terpsichore, Musa da dança, representada n'attitude de dançarina, tendo uma harpa nas mãos, e coroada de grinaldas.

Erato, Musa da poesia, representada na figura de donzella, com semblante attractivo, coroada de myrto e de rosas, tendo a lyra na mão, e junto á si um pequeno Cupido.

Polymnia, Musa da rhetorica, representada em acção de declamar, coroada de perolas e vestida de branco.

Calliope, Musa da poesia heroica, representada com uma trombeta na dextra, e na esquerda um livro, com semblante magestoso, coroada de louro, tendo á seos pés os mais celebres poemas epicos.

Urania, Musa d'Astronomia, representada com uma coroa d'estrellas, vestida d'azul celeste, sustentando um globo com ambas as mãos, e rodeada de varios instrumentos mathematicos.

Estas nove irmãs, habitavam com Apollo nos montes Parnasso e Helicon: o rio Permesse, e as fontes Hippocrene e Castalia, cujas agoas inspiravam estro aos poetas, lhes eram consagradas.

As nove filhas de Piero, rei de Macedonia, atrevendo-se á desafial-as no canto, forad, em castigo de sua presumpçad, metamorphoseadas em pegas.

CAPITULO XXIII.

Eolo.

Eolo era Deos dos Ventos, que encerrados n'uma caverna da Thracia, d'alli sahia á seo arbitrio.

Os principaes erao' quatro: Boreas ou Aquilad, Vento do Septentriad ou Norte; Euro do Oriente ou Este; Austro do Meiodia ou Sul; e Zephyro ou Favonio, do Occidente ou Oeste.

Os mythographos referem que elles erad filhos do gigante Astreo, pai dos astros, e d'Aurora; e outros lhes davao Eolo por pai.

Ulysses, (*) voltando de Troia, foi acolhido pelo Deos, que lhe fez presente d'um odre, onde encarcerava os ventos: os companheiros d'este heroe, nad podendo reprimir sua curiosidade, o abrirad, e os Ventos desencadeados excitarad uma tem-

(*) Vide Cap. XLV.

pestade taõ furiosa que submergio toda a frota , sendo Ulysses o unico que se salvou do naufragio

Eolo era representado retendo n'um anatro espaçoso a impetuosidade de seos filhos , que irritados de sua prisadõ , soltavaõ grandes urros , sentado no cume da montanha , o Deos com o sceptro na maõ , domava seo furor.

CAPITULO XXIV.

Iris e Aurora.

Iris , mensageira e fiel confidente de Juno , era filha de Thaumás e da Oceanida Electra.

Sua ama , á quem nunca annunciara noticias infaustas , lhe era muito affeioada.

Iris , representada com azas de brilhantes cores , quando era encarregada das ordens da Deosa , descia do Ceo , e subia ao Olympto , levada sobre o arco celeste , por isso chamado arco Iris. (*)

Aurora , filha de Titadõ e da Terra , presidia ao nascimento do dia , abrindo á Phoebos com seos dedos de rosa as prtas do Oriente.

(*) *Vulgarmente — arco da Velha.*

Sensível aos encantos de Tithad, filho de Laomedonte, príncipe de rara formosura, ella o arrebatou ao céu, onde o desposou: d'esta união nasceo Memnon.

Esta Deosa obteve de Jupiter a immortalidade de seu esposo; mas esquecendo-se de pedir que o isentasse da velhice, elle chegou á uma idade tão decrepita que era preciso o embalar como um recém-nascido.

Compadecida de sua sorte, Aurora o mudou em cigarra.

Em vingança de seus amores com Marte, Venus inspirou á sua rival uma paixão violenta por varios príncipes.

Cephalo, filho de Mercurio, desposou Procris, princeza atheniense: ambos eram muito formosos, e se amavam ternamente.

Aurora, concebendo por este príncipe um ardente amor. tentou inutilmente, por seus affagos e promessas, a fidelidade do constante esposo.

Desesperada de sua indiferença, a Deosa o ameaçou que um dia elle desejaria nunca ter visto sua esposa: estas palavras despertaram n'elle o ciúme, e distarçando-se, conseguiu por presentes vencer a resistência de Procris, que, envergonhada de sua fraqueza, se refugiou entre as Nymphas de Diana.

Inconsolavel de sua ausencia; o teruo Cephalo se reconciliou com sua esposa, e d'ella recebeo um dardo, cujo golpe era inevitavel, mimo que lhe fizera a Deosa dos bosques:

O filho de Mercurio hia frequentemente á caça, e descansava no retiro d'uma floresta, onde para gozar do fresco, invocava Zephyro com palavras carinhosas.

Sua esposa, que o observava occulta n'uma charça, interpretando mal suas palavras, não pôde reprimir sua emoção, e, fazendo ruido nas folhas, foi pelo caçador, que julgou ser uma fera, traspassada com a frecha magica.

Aurora era representada com um traje d'ouro e purpura, sobre uma carroça do mesmo metal, tirada por dois ginetes pretos, forçando a noite á se refugiar no Tartaro.

CAPITULO XXV.

Fortuna e Pluto.

Fortuna, filha d'Oceano, era distribuidora do bem e do mal: representava-se cega e calva com azas nos pés, um dos quaes estava posto sobre uma roda girando veloz-

mente, e outro no ar; com uma cornucopia debaixo do braço, e um leme na mão.

Pluto, filho de Ceres e de Jasio, (*) era Deus da riqueza, e presidia ás minas de metaes preciosos.

Em quanto gozou da vista, distribuia seos favores ao merecimento; mas, depois que Jupiter o cegou, favorecia sem discernimento aos bons e máos.

Representa-se em figura de velho cego e coxo, tendo debaixo do braço esquerdo uma cornucopia, e com a dextra espalhando moedas de prata e ouro.

Estas cornucopias eraõ os cornos da cabra Amalthea, que amamentara Jupiter.

CAPITULO XXVI.

Como e Momo.

Como presidia aos banquetes nocturnos, e assistia ás bodas: era representado em figura de mancebo, excitado pelo vinho, com as faces incendiadas, coroad

(*) *Jasio era irmão de Dardano, successor de Teucro, primeiro rei da Troada, cuja filha desposara.*

de rosas, arrimado sobre uma estaca, tendo na dextra uma tocha accesa.

Momo, Deus d'alegria, e da critica, era admittido nos conselhos dos Deoses como bufad.

Sua occupaçãõ era examinar as acções das Divindades e dos homens, e ceusural-as com uma fina jocosidade.

Eseolhido para arbitro dos chefes d'obra de Neptuno, Vulcano e Minerva, achou que nem um d'elles merecia este nome.

Censurou Neptuno por não ter posto os cornos do touro que fabricara diante dos olhos; criticou o homem que Vulcano forjara por não ter deixado uma janella no coração, a fim de descobrir seus pensamentos secretos; e desapprovou a casa edificada por Minerva por ser impossivel removê-la de má vizinhança.

Momo representa-se com marote (*) na mão, tendo na cabeça um barrete conico, rodeado de cascaveis.

(*) *Boneco rodeado de cascaveis em cima d'um bastão, emblema da loucura.*

CAPITULO XXVII.

Flora e Pomona.

Flora, Deosa da Primavera e das flores, era esposa de Zephyro.

Representava-se com um vestido de varias cores, tendo nas maõs ramalhetes e grinaldas; seos cabellos entrançados com açucenas e rosas formavaõ sua coroa, sustentada sobre as azas de Favonio, seos pés apenas tocavaõ a relva; a cada um de seos passos nascia uma flor.

Os jogos floraes, culto que se lhe rendia, consistiaõ na offerta de flores escolhidas no principio da Primavera pelas pastoras mais lindas, que, com seos amantes, dançavaõ em sua honra.

Pomona, Deosa dos frutos e d'Outono, era amada de Vertumno, Deosa dos pomares.

Este, para persuadil-a á aceitar sua maõ, tomou a figura d'uma velha, e, por suas lisonjas e caricias ganhando sua affecção, se deo á conhecer, e a desposou.

Ambos representavaõ-se coroados de varias plantas fructiferas, com cornucopias cheias de frutos.

CAPITULO XXVIII.

Pan, Sylvano, Satyros e Faunos.

Pan Deos dos pastores, era filho de Jupiter e da Nympha Callisto; depois de nascido, foi entregue as Nymphas d'Arcadia, e creado com muita ternura por Sinoe, uma d'ellas.

Elle acompanhou Baccho na conquista da India, onde fez varias proezas.

Syrinx, Nympha arcadiana, lhe inspirou um violento amor mas, insensivel á seo ardor, em quanto fugia d'elle, foi transformada em cana.

Destas canas, o Deos fabricou uma flauta de sete tubos desiguaes chamada Syrinx, que tocavaõ os pastores por elle ensinados.

Elle foi menos infeliz com a Nympha Pitys, mas Boreas, cioso da preferencia, a precepitou do cume d'um rochedo. sendo ella depois convertida em pinheiro, arvore consagrada á Pan, sempre ornado d'uma girandola de seos ramos.

Os Gallos sitiando o templo de Delphos, Pan lhes inspirou um repentino terror, hoje chamado terror panico.

Os poetas o representaõ com o rosto af-

foguêado, cornos na cabeça, vestido d'um manto de pelle de cabra, tocando flauta de sete tubos, com um cajado na mão, e tendo a parte inferior do corpo semelhante á d'um bode.

Sylvano, Deos dos bosques, era companheiro de Pan, e foi, pelos Latinos, confundido com elle; ambos se representavaõ do mesmo modo; todavia, em vez de flauta, aquelle tinha na mão um novo e tenro cypreste.

Os Satyros, filhos de Mercurio e da Nympha Iphithme, eraõ divindades campestres da comitiva de Pan, em quanto os Faunos acompanhavaõ Sylvano. (*)

Os primeiros eraõ representados em figura de velhos pelludos, com cornos, e orelhas de cabra, cauda, e pés do mesmo animal; os segundos em figura d'adolescentes, com feições rusticas, orelhas pontudas, e cauda de bode, todos tendo na mão a syrinx e um cajado.

(*) *Pan e os Satyros, entre os Gregos; Sylvano e os Faunos, entre os Latinos, frequentemente confundidos, parecem ser as mesmas divindades.*

CAPITULO XXIX.

Somno e Morpheo.

Somno era filho da Noite, e irmã da Morte: o rio Lethes, cujas agoas causão esquecimento, banha as paredes de seo palacio, situado na entrada do Inferno; Harpocrates, Deos do silencio, com o index sobre a boca, vela á sua porta.

O apathico Deos, mollemente reclinado sobre um leito de macias pennas, rodeado de cortinas pretas, deixa cahir de sua maõ com negligencia um ramo de papoilas; a seos pés dorme um leão, cujo furor applicara.

Morpheo, seo filho, presidia aos sonhos, cujo enxame numeroso habitava sobre os ramos frondosos d'um antigo olmeiro, de frente do silencioso palacio.

Este Deos representava-se coroadado de dormideiras, tendo na maõ um ramo d'estas flores soporificas; suas azas de borboleta eraõ emblemas da subtileza e da variedade das illusões agradeveis que causava; enquanto Phobetor seo irmão presidia as visões pavorosas.

Os sonhos verdadeiros sahiã do palacio pela porta de corno, e os mentirosos pela de marfim.

CAPITULO XXX.

Prometheo.

Prometheo, filho do Titan Japeto e da Nympha Asia, se distinguia pelo seu genio subtil e astuto.

Offerecendo á Jupiter dois novilhos em sacrificio, n'uma das pelles occultou os ossos, e n'outra a carne das victimas, e submettendo-as á escolha do Deos, este, sem suspeitar a fraude, preferio a peor offerta.

Em vingança d'esta zombaria, Jupiter privou a terra do fogo.

Entretanto, o filho de Japeto, auxiliado por Minerva, roubou o fogo do Sol para animar um homem que fabricara de barro.

Indignado d'este novo attentado, o pai dos deoses ordenou á Vulcano que formasse Pandora mulher, para cuja perfeição concorrerão todas as divindades.

Minerva lhe ensinou as prendas de seu sexo e lhe concedeo o dom de persuadir; Venus lhe deo a formosura; Mercurio o desejo de agradar; as Graças formaram seu adorno, e Jupiter lhe fez presente uma boxeta que encerrava todos os males.

Esta donzella encantadora foi conduzi-

da pelo Mensageiro dos Deoses a Epimetheo, que, naõ obstante o conselho de Prometheo, seo irmaõ, a desposou, e abriu a boceta fatal, d'onde se espallaraõ todos os males sobre a terra, ficando no fundo só a Esperança.

Naõ satisfeito d'este castigo, Jupiter mandou atar Prometheo á um rochedo do monte Caucasos onde um abutre lhe devorava as entranhas, sempre renascentes.

CAPITULO XXXI.

Nymphas.

As Nymphas, que nascerãõ do sangue d'Urano (*) mutilado por Saturno presidiaõ á varios objectos da natureza: os poetas as dividem em diversas classes, a saber:

As Oreades, que habitavaõ as montanhas; as Napeas, que presidiaõ aos prados e valles; as Dryades, moradoras das florestas, as Hamadryades, cada uma das quaes estava encerrada n'uma arvore, que fazia vegetar; em fim as Nereidas, Nymphas dos mares; e as Naiades, das fontes.

(*) Outros mythologos as dizem filhas de Nereo e Doris, Divindades do mar,

As principaes eraõ Egeria , Echo, Egle, Galatea, Cyane e Lara. (*)

Egeria, nas communicações secretas que teve com Numa Pompilio, rei de Roma, lhe dictou as instituições estabelecidas entre os Romanos por este sabio monarca.

Echo habitava nas margens do rio Cephisso, onde, entretendo Juno com anedotas agradaveis, em quanto Jupiter conversava com suas companheiras, foi condemnada pela Deosa á repetir somente a ultima palavra das perguntas que se lhe faziaõ.

Amorosa de Narciso, (**) taõ fatuo como formoso, e não lhe podendo inspirar um amor reciproco, no seo desespero, se retirou para as mais remotas grutas, onde foi mudada em rochedo.

Egle, encontrando o velho Sileno embriagado, o manietou com grinaldas de flores, e depois de lhe pintar o rosto com amoras, o dispertou zombando de sua ira.

(*) *A descripção de todas as Nymphas excede os limites d'este resumo.*

(**) *Narciso joven Beocio, de grande formosura, tendo se mirado n'uma fonte, ficou namorado de si mesmo: os Deoses cõpadecidos de sua loucura o mudaraõ em flor.*

Galatea foi amada pelo Cyclope Polyphemo; mas, em vez de corresponder á seu amor, lhe preferio o pastor Acis, esmagado por um rochedo, que o gigante furioso lhe arremessou.

Cyana companheira de Proserpina se affligio tanto do rapto de sua amiga, que das lagrimas por ella derramadas nasceu uma fonte, venerada pelos Sicilianos.

Lara, descobrindo á Juno os amores de Jupiter e Juturna, princeza latina, este lhe cortou a lingua, e a mandou conduzir aos infernos por Mercurio, que houve d'ella os Deoses Lares.

CAPITULO XXXII.

Lares, Penates, Larvas, e Termo.

Os Lares, venerados como protectores dos caminhos, ruas e encrusilhadas, eraõ tambem os Deoses tutelares das cazas e familias.

Representavaõ-se em figura de mancos gêmeos, seguidos d'um cão, guarda fiel das moradas.

Os Penates, outros Deoses domesticos as vezes confundidos com os Lares, eraõ umas pequenas imagens de cera ou prata,

quer d'uma Divindade, quer d'um heroe-
escolhido á arbitrio dos antigos, entre seos
antepassados, que postas n'ó lugar mais
secreto das habitações, erað por elles vene-
radas, e consultadas sobre os negocios da
familia: costumavað tambem leval-as nas
suas viagens.

As Larvas erað os máos genios que os
mythographos attribuem á cada homem, e
os atormentavað, em quanto os Lares os
protegiað: estes genios malfazejos erað re-
presentados na figura de velhos, com sem-
blante horrendo, barba comprida, tendo
na maò um mocho ave de funesto agouro.

Termo presidia aos limites dos campos;
quando Tarquinio consagrou o Capitolio á
Jupiter, as outras Divindades se retirarað
respeitosamente, excepto este Deus que
permaneceu no seo lugar.

Representava-se em forma de telha,
pedra ou estaca.

CAPITULO XXXIII.

Rios.

Os Rios, á quem os antigos rendiað
culto, erað representados em figura d'an-
ciãos vigorosos, coroados de canas e

reclinados sobre uma urna d'onde manavaõ suas agoas.

Os mais famosos saõ Alpheo Peneo, Inacho, Pactolo, Scamandro e Nilo.

Alpheo, caçador d'Elida, perseguindo Arethusa, Nymppha de Diana foi por esta convertido em rio, em quanto sua amante foi mudada em fonte; todavia fiel á seo amor, por um caminho subterraneo vai confundir suas agoas com as da Nymppha. (*)

Peneo, rio da Thessalia, que rega o delicioso valle de Tempe era pai de Daphne, que á seo rogo transformou em loureiro.

Inacho, rio d'Argolida e pai d'Io, amante de Jupiter, foi o fundador d'Argos; escolhido para arbitro quando Juno e Neptuno disputavaõ a possessaõ d'esta cidade. deo a preferencia á Deosa.

Pactolo, era um rio da Lydia, cujas areas se converteraõ em ouro, quando Midas (**) n'elle se banhou.

(*) *Esta fonte é situada na Sicilia, e o Alpheo é um rio d'Arcadia.*

(**) *Midas, rei da Lydia, celebre pelas suas riquezas, e mais ainda pela sua tolice, obteve de Baccho mudar em ouro tudo quanto tocava; mas seus proprios*

Acheloo, pertendendo á mão de Dejanira, amante de Hercules, se transformou em serpente, e depois em touro para combater este heroe; mas por elle vencido foi occultar-se no rio Thoas, que tomou seo nome.

Scamandro, regava os campos de Troia, cujas donzellas na vespera de seos casamentos iaõ se banhar n'este rio, e lhe offerenciaõ seos favores.

Nilo, cujas inundações periodicas fertilizaõ o Egypto, differente dos outros representava-se coroado de lotos, (*) com prezas de caranguejo á maneira de cornos, um veõ cobria sua urna, para indicar que sua fonte é desconhecida, e viaõ-se crocodilos, e hippopotamos (***) á seos pés.

alimentos convertendo-se n'este metal, pediu ao Deos que revocasse este dom funesto; e foi mandado para este fim banhar-se no Pactolo.

(*) *Planta que fluctua á superficie das agoas do Nilo.*

(**) *Especie de cavallos marinhos.*

SECÇÃO' 3.

Semideoses e Heroes.

CAPITULO XXXIV.

Perseo.

Tendo um oraculo predicto á Acrisio, rei d'Argos, que um seo neto o mataria, este monarca fez encerrar n'uma torre de metal Danae sua filha, que Jupiter seduzio, transformado em chuva d'ouro.

Acrisio, receando o cumprimento da predicçãõ, fez expor ao mar a desgraçada princeza, n'uma barca arruinada que aportou em Scryphos, onde Polylectes, rei d'esta ilha a acolheo.

Este principe namorado de Danae e temendo que seo filho, ja mancebo, se opuzesse á sua uniãõ, o induzio pelo amor da gloria, á ir combater a Gorgona Medusa, (*) esperando que elle percesse n'esta expediçãõ arriscada.

Protegido por Minerva, cuja Egide levava, o joven heroe conseguiu vencer o

(*) *A cabeça de Medusa petrificava aquelles que a encaravaõ.*

monstro, trazendo em signal de victoria sua cabeça, toucada de serpentes.

Do sangue de Meduza nasceu Pegaso, ginetê alado, que Perseo montava nas suas subseqüentes expedições.

A vista da cabeça horrenda da Gorgona, Atlas, gigante, filho de Jupiter, que lhe negara a hospitalidade, foi convertido em rochedo, e condemnado á supporar o peso do Ceo.

Cassiope, rainha d'Ethiopia e sua filha Andromede, tendo a vaidade de se julgar mais formosas que Juno e as Nereidas, Neptuno, á rogo da Deosa, mandou assolar a costa por um monstro marinho.

Consultado o oraculo de Jupiter Ammon, (*) elle declarou que para fazer cessar a devastação, Andromede, ligada á um rochedo, fosse exposta ao fuor do monstro; mas Perseo compadecido da sorte d'uma princeza taõ formosa, petrificando-o, a livrou, e desposou.

Chegado á Grecia, terminou as injustas pertencções de Polydectes á mãe de sua mãe, transformando em pedras, n'um banquete, este principe e seos satellites.

(*) *Seo templo era na Lybia, por cujos habitantes era adorado.*

Em vado, para evitar a effectuação do oráculo, Acrisio se refugiou na Thessalia; pois Perseo, á quem era desconhecido, o matou, por inadvertencia, com um golpe de disco, nos jogos funebres do rei de Larissa.

Desesperado d'este parricidio involuntario, elle se desterrou d'Argos, onde veio a reinar depois da morte de seo avô, e edificou a cidade de Mycenae.

Depois de sua morte Perseo foi collocado no numero das constellações.

CAPITULO XXXV.

Orphee.

Orphee; musico e poeta famoso, era filho d'Apollo e da Musa Clio.

Instruido na theologia dos Egypcios, introduzio na Grecia novos ritos reformando o culto das Divindades.

Attribue-se-lhe a arte de tocar cythara, instrumento que recebera de seo pai accrescentando duas cordas ás sete que o compunhaõ.

Aos suaves accentos de sua lyra, as feras, as arvores, e os mesmos rochedos

enternecidos se reunião ao redor d'elle.

Orptheo desposou a Dryade Eurydice; que, no dia mesmo de suas bodas, fugindo do pastor Aristeo, (*) foi mordida por uma serpente occulta entre as flores, e perdeu a vida.

Inconsolavel de sua perda, o terno esposo, atreveo-se á penetrar os Infernos; Charonte, tocado de sua melodia, o recebeu na sua barca; o mesmo Cerbero foi aplacado; e Plutaõ, Proserpina, e todas as Divindades infernaes, naõ podendo resistir aos sons harmoniosos de sua lyra, consentiraõ na volta de sua esposa, com tanto que naõ olhasse para ella, até rever á luz do dia.

Naõ podendo resistir ao desejo intenso de contemplar mais cedo sua cara Eurydice, lançou a vista para traz, e no mesmo instante ella desapareceo.

Orptheo desesperado se retirou para as cavernas solitarias da Thracia, onde, nutrindo sua dor, jurou á todas as mulheres um odio implacavel.

As Bacchantes, enfurecidas de seo desprezo, o despedaçaraõ, e sua cabeça lan-

(*) *Filho d' Apollo e da Nympba Cyrene.*

çada nas ondas do Strymon, fluctuando
repetia Eurydice! Eurydice!

CAPITULO XXXVI.

Cadmo.

Europa, filha d'Agenor, rei de Phenicia, princeza d'uma belleza admiravel, passeava na praia com suas companheiras, quando Jupiter - na figura d'um touro brãco, se lhe approximou com tanta mansidão que não hesitou montar sobre elle.

Apenas ella sentou-se; o Deos se precipitou no mar, e atravessando-o, levou á Creta sua amante.

Desesperado do roubo de sua filha, Agenor ordenou á Cadmo que seguisse sua irmã, e não voltasse sem a ter achado.

Este principe, depois de varias viagens, perdeu a esperanza de descobri-la, e, tendo consultado o oraculo de Delphos, obteve em resposta que, onde achasse uma novilha, não tendo ainda portado o jugo, edificasse uma cidade, e desse á este paiz o nome de Beocia.

Chegado ao lugar designado pelo oraculo, Cadmo mandou buscar agoa pelos seus companheiros, para sacrificar á Pal-

las a novilha achada; surprezo da demora, foi em busca d'elles, e os achou dilacerados por um dragaõ, que guardava a fonte consagrada á Marte.

Dos dentes d'este monstro nascerãõ guerreiros, que se mataraõ mutuamente, á excepçaõ de cinco: estes, chamados Spartes, ajudaraõ a Cadmo á lançar os fundamentos d'uma nova cidade, chamada Thebas.

Cadmo desposou Hermione, filha de Marte e de Venus; á suas bodas assistiraõ todas as Divindades.

O principio de seo reinado foi florecente; mas a implacavel Juno, em vingança dos amores de Jupiter com Europa, sua irmã, e Semele, sua filha, accumulou as desgraças na sua familia.

Semele foi consumida no incendio de seo palacio: Acteon seo neto despedaçado por seos mesmos cães; e Pentheo, herdeiro de Polydoro, seo filho, dilacerado pelas Bacchantes.

Naõ podendo resistir á magoa que lhe causavaõ tantos desastres, Cadmo, seguido de sua fiel Hermione, se desterrou; e chegados na Illyria os Deoses, á seo rogo, mudaraõ ambos em serpentes.

CAPITULO XXXVII.

OEdipo.

Laio, rei de Thebas, desposou Jocasta, filha de Creon e houve d'ella um filho.

Admoestado pelo oraculo d'Apollo que seria morto por este principe o mandou expor, pendurado pelos pés á uma arvore sobre o monte Cytheron.

Achado por uns pastores, estes compadecidos de sua sorte o levarãõ á Polybo rei de Corintho, que o adoptou, e o chamou OEdipo. (*)

O principe, ja mancebo, desejando descobrir seos parentes, partio da corte d'este monarca, e chegou na Beocia onde n'um caminho estreito, sua carroça se encontrou com a de seo pai, que, lhe sendo desconhecido, e não querendo ceder-lhe a passagem, foi por elle morto.

Entretanto o Sphinx, monstro alado, de corpo de leão, e rosto de mulher assolava o paiz, e devorava todos os que não podião adivinhar os enigmas por elle propostos.

Depois da morte de Laio, Creon seo sogro se tinha apoderado do governo e

(*) *Por causa da inchação de seos pés.*

prometteo a mãe da viuva á quem livrasse o paiz d'este flagello.

OEdipo adivinhando o enigma proposto pelo Sphinx, este se precipitou do rochedo onde habitava.

Morto o monstro o filho de Laio desposou sua mãe, e deste incesto involuntario nasceram os gêmeos Eteocles e Poly-nices.

Estes principes, remarcaveis pelo odio inveterado que se tinham mutuamente, detronisaram seu pai, que, pungido pelos remorsos de seus crimes, arrancou elle mesmo seus olhos, e, guiado por Antigone sua piedosa filha, refugiou-se n'um bosque d'Attica, consagrado ás Fúrias.

Finalmente morreu em Athenas, onde, commovido de suas desgraças, Theseo o acolhera.

CAPITULO XXXVIII.

Minos.

Jupiter conduzio Europa á Creta, onde esta princeza deo á luz Minos, (*) de-

(*) *Minos, e seu neto Minos II são frequentemente confundidos nas tradições mythologicas.*

pois acclamado rei d'esta ilha: legislador famoso, para melhor inculcar suas leis aos Cretenses, fingia recebê-las de Jupiter n'uma caverna do monte Ida.

Para vingar Androgeo seu filho, morto por ordem d'Egeo, rei d'Athenas, declarou guerra aos Athenienses, assolou a Attica, e exigio dos vencidos que lhe mandassem, de nove em nove annos, sete mancos e sete moças para serem devorados pelo Minotauro, monstro meio touro e meio homem, nascido dos amores infames da rainha Pasiphae com um touro.

Depois de submeter a Attica, sitiou Megara, e se apoderou d'esta cidade pela traiçãõ de Scylla, filha de Niso seu rei que, namorada do heroe, entregou-lhe um cabello d'ouro, do qual dependia o destino de seu pai, e do imperio: a perfida princeza em castigo de seu crime, foi lançada ao mar por ordem de Minos.

Dedalo, artista famoso, banido d'Athenas sua patria, se refugiou na corte de Creta, onde, para encerrar o Minotauro construiu o Labyrintho, cujas voltas sinuosas impediaõ a sabida á todos os que n'elle entravaõ.

Excitando a ira do monarca, o architecto foi por elle encarcerado na prizãõ que

inventara ; mas , tendo fabricado azas , conseguiu fugir voando , acompanhado de seu filho Icaro : este se approximando muito do Sol , a cera que unia as pennas de suas azas fundio-se , e o mancebo cahio no mar chamado Icario.

Chegado á Sicilia , Dedalo foi acolhido por Cocalo , e Minos , indo em seu seguimento , com uma frota consideravel , foi pelas filhas d'este principe , que appreciara os talentos do habil artista , atraçoadamente affogado no banho.

Tal foi a justiça de seu governo que depois de sua morte foi escolhido para Juiz dos Infernos.

CAPITULO XXXIX.

Hercules.

Electryon rei de Myeenas , filho de Perseo , prometteo a maõ d'Alcmene , sua filha á Amphytrion , seu sobrinho , debaixo da condiçãõ de naõ consummar o matrimonio sem vingar os irmaõs da princeza , mortos pelos filhos de Petereláo.

Em quanto o noivo se occupava n'esta expediçãõ , Jupiter , tomando sua figura ,

seduzio Alcmenes, que julgava conceder seus favores á seu marido.

Este na sua volta tendo por inadvertencia morto seu sogro, foi constrangido á refugiar-se em Thebas.

Jupiter tendo publicado no Olympo que breve nasceria um heroe de seu sangue, á quem seriaõ submittidos os descendentes de Perseo a ciosa Juno ordenou a Illythia. (*) sua filha que retardasse o parto d'Alcmenes em quanto Nicippa, esposa de Stheleno, outro filho de Perseo, que succedera á Electryon, dava á luz Euristheo, á quem, por este dolo, o filho de Jupiter ficou sujeito.

Alcmenes teve dous filhos gemeos, Hercules, tambem chamado Alcides, do nome d'Alceo, pai d'Amphytrion, e Iphiclo, filho de seu esposo.

Hercules desde o berço deo provas de sua divina origem; pois, a vingativa Juno tendo mandado duas serpentes para o devorar, o corajoso infante as suffocou.

Creon rei de Thebas, onde foi educado, lhe deo em matrimonio sua filha Megara, em recompensa de ter livrado a Beocia d'um tributo vergonhoso.

(*) *Tambem presidia aos partos.*

Entretanto Eurystheo, então rei de Mycenae intimando-lhe que viesse como seu subdito receber suas ordens, Alcides se enfureceu com tal excesso que dilacerou os próprios filhos.

Applacada sua ira, o heroe, submettendo-se aos mandos do monarca, — executou os doze trabalhos seguintes:

1. ° Suffocou nos seus braços o Leão de Nemea, que assolava a Argolida, e, em signal d'esta victoria, vestio-se de sua pelle.

2. ° Exterminou a Hydra de Lerna, cujas sete cabeças renasciaõ á medida que se lhe cortavaõ: no sangue venenoso do monstro ervou suas frechas, cujas feridas eraõ incuraveis.

3. ° Apanhou o Javali d'Erymantho, que devastava a Arcadia, e o levou vivo á Eurystheo, o qual, atterrado á sua vista, occultou-se n'um tonel.

4. ° Apprehendeo na caça, sobre o monte Menalo a Corça de pés de bronze, consagrada á Diana.

5. ° Traspassou com suas frechas as terriveis aves de rapina, que, n'as margens do lago Stymphalo, devoravaõ os homens e os animaes.

6. ° Trouxe vivo ao Peloponeso o Tou-

ro indomito da ilha de Creta.

7.º Robou as egoas de Diomedes, rei da Thracia que este barbaro sustentava de carne humana.

8.º Venceo Hyppolita, rainha das Amazonas, e trouxe seu cinto em signal de victoria.

9.º Limpou as cavallaricas d'Augias, n'a Elida, introduzindo n'ellas o rio Alpheo.

10.º Espancou na Hespanha Geryon, rei dos Gades, monstro gigantesco de tres cabeças e seis braços, e lhe roubou suas manadas.

11.º Coiheu os pemos d'ouro do jardim das Hesperides, guardados por um dragão furioso, que matou; e, em quanto Atlas procurava estes fructos, supportou o peso do Ceo.

12.º Finalmente libertou Theseo, preso no Inferno; e arrastou Cerbero até fora do Averno. (*)

Alem d'estas, Alcides fez outras muitas façanhas; tendo aberto uma communicacão entre o Oceano e o Mediterraneo, as montanhas d'ambos os lados do estreito

(*) Pantano pestilencial da Campania, supposto ser a porta do Inferno.

foraõ chamadas Columnas de Hercules. Livrou Hesione, filha de Laomedonte, do furor d'um monstro marinho, ao qual fôra exposta.

Penetrou até á Gallia e o Lacio, onde venceo Caco filho de Vulcano, gigante que habitava uma caverna do monte Aventino, á cuja entrada se viaõ dispersos os ossos dos viajantes que matara.

Frechou o abutre que devorava as entranhas de Prometheo, e o libertou.

Suffocou entre seus braços o gigante Anteo que fez voto á Neptuno seo pai de cobrir seo templo com caveiras humanas.

Desbaratou os Centzauros; sitiou e tomou Messena matando todos os filhos de Neleo rei deste paiz, excepto Nestor o mais moço; assistio á expediçaõ dos Argonautas, a caça do Javali de Calydon; e foi o instituidor dos jogos olympicos na Elida.

Depois de tantos triumphos, manchou sua gloria pela vida effeminada que passou na corte d'Omphale, rainha da Lydia, aos pés da qual fiava.

Apaixonado por Dejanira, disputou sua maõ contra Acheloo, e, tendo-o vencido, a desposou.

N'uma jornada que fez para Calydon

com sua esposa, o Centauro Nesso se offereceo para leval-a alem do rio Eveno; e se preparava á fugir com ella, quando Hercules lhe disparou uma frecha, que o ferio mortalmente.

O Centauro, sentindo approximar-se-lhe a morte, deo á Dejanira sua tunica, tinta de seo sangue. envenenado pelo dardo, persuadindo-lhe que, sendo seo marido infiel, toruaria, se a vestisse, ao amor conjugal.

Querendo pouco depois o heroe desposar Iola, filha do rei d'Oechalia, Dejanira mandou-lhe a tunica fatal; apenas elle a vestio, um fogo abrazador se espalhou nas suas veias; devorado pelo subtil veneno, e vendo a morte inevitavel, retirou-se para o monte Oeta, com seos amigos; erigio uma pyra, e se arrojou sobre ella, em quanto Polydectes seo fiel companheiro, á quem entregara suas frechas; accendia o fogo que o consumio.

Hercules foi admittido entre as Divindades, como Deos da força: era representado na figura de homem d'uma robustez athletica, coberto da pelle do leão de Nemea, tendo na maõ sua pesada maça, e coroado de choupo branco, arvore que lhe era consagrada.

CAPITULO XL.

Theseo.

Egeo, rei d'Athenas, achando-se sem filhos, consultou o oraculo d'Apollo, e obteve em resposta que se guardasse de procurar tel-os, antes de chegar á seos estados.

Nad obstante esta prohibiçãõ, seduzio na sua volta de Delphos Ethra, filha de Pitheo, rei de Trezena.

Dispedindo-se d'esta princeza recomendou-lhe que, se desse á luz um filho, lho mandasse em Athenas, quando tivesse força sufficiente para levantar uma pedra ingente, debaixo da qual escondera uma espada e uns cothurnos.

O filho d'Ethra, chamado Theseo, passava por filho de Neptuno, e se distinguio desde a infancia pelo seo valor e firmeza.

Chegado á adolescencia, foi conduzido por seo avô á pedra onde jaziaõ as insignias deixadas por seo pai, e levantando-a com facilidade, apoderou-se d'ellas.

Pitheo o avisou de fazer a viagem por mar, a fim d'evitar os salteadores que infestavaõ o paiz, mas o joven heroe, dese-

jando imitar as façanhas d'Hercules preferio arrostar os perigos, escolhendo o caminho de terra.

Perto d'Épidauro, accommetteo Periphetes, e, com a mesma maça de que se servia este gigante para espancar os viajantes, o matou.

Nas fronteiras de Megara, venceu Sciron, que costumava precipitar os estrangeiros do alto d'um rochedo ao mar; e lhe infligio o mesmo supplicio.

Chegado á Eleusis, exterminou Cercyon; (*) este ladrão cruel atava os viajantes á dous pinheiros curvados, que toruando á sua posiçãõ, os esquartejavaõ.

Emfim matou Procrustro, outro salteador que estirava seos hospedes sobre um leito de ferro até igualar seo comprimento, mutilando aquelles que o excediaõ.

Entretanto Medea (**) expulsa de Corintho, procuron um asilo na corte d'Athenas, onde vivia com Egeo n'um commercio illicito; esta feiticeira, prevenida da chegada de Theseo. persuadio o monarca fraco e credulo em consequencia de sua idade avançada, que envenenasse n'um

(*) *Alias Sinis.*

(**) *Vede Cap. XLII, Jason.*

festim este estrangeiro, cujo valor era suspeito.

No meio do banquete, Theseo desembainhou sua espada para trinchar a carne; Egeo, apenas a reconheceo, lançou por terra o veneno preparado, e abraçando seo filho, o acclamou seo successor.

Os Pallantides, (*) que, na falta d'herdeiros da coroa, esperavaõ reinar atacado o principe; mas foraõ por elle vencidos e mortos.

O touro selvagem de Marathona devastava a Tetrapola: Theseo o domou, e o conduzio vivo pelas ruas d'Athenas.

Os embaixadores de Minos exigindo pela terceira vez o tributo costumado, o heroe offereceo-se para entrar no numero dos sete mancebos que deviaõ ser devorados pelo Minotauro.

Chegado á Creta, Ariadne filha de Minos concebeo por elle um amor violento, e deo-lhe um novello que, atado a porta do Labyrintho, lhe servio de guia para dahi sahir.

Vencido o monstro, Theseo embarcou para Athenas, ja livre do terrivel tributo, levando com sigo Ariadne, que abandonou

(*) *Filhos de Pallantes rei de Trezena.*

na ilha de Naxos, e Phedra sua irman, que depois desposou.

Egeo tinha ordenado á seo filho que, se voltasse victorioso, substituísse á vela preta que levava a galera uma branca: esquecida esta precaução, e suppondo o filho morto, elle se lançou ao mar que tomou seo nome.

Theseo, no principio de seo reinado, reunio as villas d'Attica debaixo d'um so governo, e, para augmentar a populaçãõ, concedeo aos estrangeiros os foros de cidadãõs.

Phedra sua esposa, attrahida pela formosura d'Hyppolito (*) seo enteado, e esquecida dos deveres conjugaes, sollicitou o amor do joven principe; mas, não o podendo seduzir, determinou sua perda, accusando-o do crime que ella mesma intentara.

Theseo enfurecido contra seo filho, pediu vingança á Neptuno, que suscitou contra o innocente Hyppolito um monstro marinho, á vista do qual seos cavallos espan-

(*) *Filho de Theseo e d'Hyppolita, rainha das Amazonas - que Hercules seo vencedor deo à este heroe: elle foi ressuscitado por Esculapio.*

tados; arrastando e despedaçando sua carroça, o precipitarão sobre os rochedos.

Phedra, desesperada do fim tragico de sua victima, confessou a verdade, e se deu a morte.

Auxiliado por Pirithoo, rei dos Lapithas, seu fiel amigo, a quem ajudara á vencer os Centauros roubou Helena, (*) ainda donzella; e sorteou-se a possessão da princeza; Theseo a obteve, e, conduzindo-a a fortaleza d'Aphidna, a entregou á sua mãe.

Com o designio de furtar Proserpina, ambos descerao ao inferno, onde Plutao os deteve sentados sobre um penedo, até que Hercules os veio libertar.

Durante sua prizaõ, Menestheo, soccorrido dos Tyndarides, (**) usurpou o trono.

Theseo, apenas se achou em liberdade, tentou domar o usurpador, e pediu para este fim auxilio á Lycomedes, rei da ilha de Scyros; mas este, subornado por Menestheo, o precipitou do alto d'um rochedo ao mar.

(*) *Filha de Jupiter e de Leda. Vede Cap. XLIV.*

(**) *Castor e Pollux, irmãos d'Helena.*

CAPITULO XLI.

Castor e Pollux.

Tyndaro, rei de Sparta desposou Leda, filha de Thestio, rei d'Etolia que Jupiter transformado em cisne, seduzio, em quanto ella se banhava no rio Eurotas.

Esta princeza houve de seo marido Castor e Clytemnestra, e de Jupiter, Pollux e Helena.

Os dois irmãos, designados pelo nome de Tyndarides, assistiraõ á expediçaõ dos Argonautas; duraute uma tempestade que teve lugar n'esta viagem dois meteoros foraõ vistos volteando sobre suas cabeças, por isso chamados fogos de Castor e Pollux.

Os nautas, que n'elles reconheciã suas Divindades protectoras, inferiã da appariçaõ d'ambos os luzeiros um signal de bonança, em quanto a vista d'um so era o presagio certo d'uma tempestade.

N'a sua volta d'a Colchida, os gemeos expurgaraõ os mares dos piratas que os infestavaõ.

Para libertar sua irmã Helena, roubada por Theseo, sitiaraõ e tomaraõ a cidade d'Aphnida, e ajudaraõ Mênestheo na sua usurpaçaõ; mas comportaraõ-se n'esta guerra

ra com tanta moderação que os Athenienses lhes erigiram templos.

Convidados ás bodas de Lynceo e Idas, se enamoraram de suas esposas, e fugiram com ellas; os maridos ultrajados encontraram os raptores, e os combateram: Castor matou Lynceo, mas foi morto por Idas, á quem Pollux tirou a vida para vingar seu irmão.

Pollux, sendo immortal, rogou a Jupiter seu pai que concedesse á Castor o mesmo privilegio, ou lhe desse tambem a morte; annuindo á seus votos, o pai dos Deuses permittio que vivessem seis mezes alternativamente.

Ambos foram collocados no Ceo, onde formam a constellação dos Gêmeos, composta de duas estrellas, uma das quaes nasce quando outra se põe.

Estes dois heroes eram representados em figura de mancebos formosos, montados a cavallo, armados de lanças, e com barretes sobre os quaes brilhavam duas estrellas.

Pollux, que matara Amyco, até então invencivel no combate do cesto, era invocado pelos Athletas.

CAPITULO XLII.

Jason.

Cretheo fundador de Jolcos capital da Thessalia, teve varios filhos, dos quaes Eson o primogenito lhe devia succeder mas Pelias, cunhado d'este principe, usurpou seos direitos.

O monarca detronisado querendo pôr em segurança a vida de seo filho Jason, o mandou crear occultamente pelo Centauro Chiron.

Depois de se distinguir na caça do javali de Calydon, o joven principe appareceo inopinadamente em Jolcos, e, no meio d'uma assemblea do povo, declarou ao usurpador que vinha recobrar o sceptro de seo pai.

Pelias, receando o valor do impetuoso mancebo, o persuadio á ir á conquista do Vello d'ouro, julgando que perecesse n'esta expedicão longiqua e perigosa, e, para este fim, fez apparellar uma não, chamada da Argos.

Jason, acompanhado dos heroes mais celebres da Grecia, appellidados Argonautas, do nome da não Argos, partio para Colchida; mas, como Hercules quebrava

os remos, inclinava o navio do lado onde se sentava, e devorava todas as provisões, elle foi obrigado á abandonar-o na Mysia, para continuar sua viagem.

Apenas alli chegaram, Juno e Minerva, protectoras do Chefe dos Argonautas, inspiraram á Medea, famosa feiticeira, filha d'Etes, rei de Colchida, um ardor violento por este heroe.

Elles se encontraram perto d'um templo d'Ilécate. onde, depois de se ligarem pelos juramentos d'um amor mutuo, a princeza prometteo á seo amante ajudal-o na sua empreza por seos conselhos e encantos.

O monarcha seguido de innumeraveis espectadores e Jason acompanhado de todos os Argonautas, consternados á vista do perigo que seo chefe ia arrostar, se acharam n'um campo consagrado ao Deos da guerra.

Dous touros, de cornos e pés de bronze. que lançavam chaminas pela bocca, se arremessam contra o heroe; este os doma, submete os ao jugo, e lavra com elles o campo de Marte. onde semeando os dentes d'um dragão, por elle morto, de repente surgem combatentes, entre os quaes, lançando uma pedra magica, elles se extinguem mutuamente.

No mesmo instante corre em busca do monstro que guardava o Vello d'ouro, o adormece com uma beberagem soporifica preparada por Medea o mata, e apoderando-se do precioso deposito, o leva triumphante á sua náu.

Medea, carregada dos thesouros de seo pai, aproveitou a escuridaõ da noite para se embarcar com seo amante. e, a fim de retardar a frota que Etes mandará em seo alcance. dispersou pelo caminho os membros d'Absyrto seo irmão.

Entretanto, fiado n'um falso boato da morte de Jason. Pelias tinha envenenado Eson e Promacho, irmão mais moço do heroe.

Chegado á Thessalia, o principe victorioso, com seos companheiros, cercou a cidade de Jolcos, para vingar a morte de seo pai; e, para melhor consegñir este fim Medea, disfarçada em velha, persuadio as filhas de Pelias á matar seo pai promettendo-lhes ressuscital-o moço, com tanto que o fervessem cortado em pedaços dentro d'um caldeirão.

As credulas Peliades, abraçando o perfido conselho, commetteraõ este horrendo parricidio.

Jason, ficando pela morte do usurpa-

dor senhor da Thessalia, mostrou-se clemente, entregou a coroa á Acasto, filho de seu inimigo, e, depois de ter, em jogos sollemnes, consagrado á Neptuno a náó Argos, retirou-se para Corintho com Medea que desposara.

Ahi viveo dez annos em boa intelligencia com sua esposa, e houve d'ella dois filhos; mas tendo-a repudiado para casar com Clauce, filha de Creon, rei de Corintho, Medea enfurecida dilacerou seus proprios filhos, e se retirou para a corte d'Egeo, n'uma carroça tirada por leões.

Desesperado da perda de seus filhos, Jason se deo a morte.

CAPITULO XLIII.

Atreo e Thyestes.

Tantalo, rei da Phrygia, era amigo e commensal dos Deoses: um dia, querendo os experimentar, convidou-os á um festim, onde lhes appresentou os membros do joven Pelops seu filho.

Ceres foi a unica divindade que comeo d'esta horrivel vianda, e ja tinha acabado um hombro, quando os Deoses, percebendo a nefanda fraude, lançaraõ n'um va-

es os membros da victima, e Clotho resuscitou o principe mais formoso do que era.

Para substituir o membro que lhe faltava, Jupiter deu-lhe outro de marfim.

Em castigo de sua barbaridade, Tantalos, mettido até á barba n'uma lagoa do Tartaro, atormentado pela sêde e pela fome, via fugir de seus labios a agoa que anhelava, em quanto as arvores fructiferas, que o rodeavaõ, erguiaõ seus ramos quando se esforçava para colher os fructos:

Forçado á abandonar a Phrygia sua patria Pelops se retirou na corte d'Oenomáo, rei d'Elida que promettera Hippodamia sua filha á quem o vencesse no curso dos coches.

O principe phrygiano sobornando o cocheiro do monarca, este tirou a claveta da carroça de seu amo, que, precipitado no circo, perdeu a vida.

Pelops victorioso desposou a princeza, e houve d'ella Atreo e Thyestes, mas estes principes instigados por ella, tendo morto Chrysippo seu irmão bastardo, toraõ contrangidos á fugir para Argos.

Acolhidos por Eurystheo, rei d'este paiz, Atreo desposou sua filha Eropa, e lhe succedeo ao trono: d'esta uniaõ nasceo

Plysthenes pai d'Agamemnon e Menelaõ, cognominados Atrides, do nome de seo avô.

Thyestes, seduzindo sua cunhada, houve d'ella um filho chamado Tantalos, e foi, em consequencia d'este amor illicito, expulso d'Argos por seo irmaõ, que, não satisfeito d'este castigo o tornou á chamar sob pretexto de reconciliaçãõ, e lhe deo á comer n'um banquete seo proprio filho, offerecendo-lhe por bebida seo ranque misturado com vinho: o Sol negou sua luz á um festim taõ barbaro.

Encontrando sua filha Pelopia, n'um bosque consagrado á Minerva, Thyestes, á quem era desconhecida, a violou, e d'este incesto nasceo Egistho.

Chegado á idade de portar as armas, o mancebo, recebendo de sua mãi uma espada, que lhe deixara Thyestes, em peñhor de sua fé, foi á Mycenass, onde, acolhido por Atreo, foi por elle encarregado da morte de seo proprio pai, que Agamemnon e Menelaõ trouxeraõ prezo de Delphos, por ordem de seo avô.

No instante que Egistho ia perpetrar o parricidio, Thyestes, reconhecendo a espada que dera á Pelopia, declarou-lhe o segredo de seo nascimento, ouvido o

qual, o príncipe horrorizado, buscou Atreo no meio d'um sacrificio, e lhe tirou a vida.

CYPITULO XLIV.

Agamemnon e Meneláo.

Depois da morte de seo avô, Agamemnon e Meneláo foram obrigados por Thyestes, que se apoderara do trono, á se refugiar na corte de Tyndaro, rei de Sparta, pai de Castor e Clytemnestra o qual adoptara Pollux e Helena, filhos de Jupiter e Leda.

A belleza extraordinaria de Helena tinha attrahido em Lacedemonia um numero concuro de pretendentes á sua mã, entre os quaes se distinguiaõ os principaes heroes da Grecia.

Tyndaro indeciso sobre a escolba d'um genro, temia excitar contra si a vingança dos príncipes excluidos; mas Ulysses, um dos pretendentes, aconselhando-lhe fizesse jurar á todos pugnar em defeza do rival preferido, elle concedeo a mã da princeza á Meneláo, que, pela apothese dos Tyndarides, succedeo á seo sogro.

Agamemnon desposou Clytemnestra, e não somente recuperou o sceptro d'Argos,

mas tambem conquistou o reino de Sycione, cujo rei Hippolyto detronisou.

Durante uma viagem de Meneláo á Creta, Paris (*) filho de Priamo rei de Troia veio á Lacedemonia, onde conseguiu seduzir Helena, e persuadindo-a á vir á bordo de sua náó deo á vela para Phrygia.

Embaixadores foraõ enviados á Priamo para reclamar a princeza; mas allegando-lhes o rapto de Medea e de sua immã flezione pelos Gregos, o monarca recusou entregal-a.

A guerra foi entaõ resolvida, e Agamemnon nomeado generalissimo d'esta famosa expediçaõ.

CAPITULO XLV.

Ulysses:

Ulysses filho de Laertes e rei de Ithaca, pequena ilha do mar adriatico, vendo frustrada sua pertençaõ á mãõ de Helena, desposou Penelope filha d'Icaro, e houve d'esta princeza, insigne pèla sua prudencia, um filho, chamado Telemaco,

Quando Meneláo se resolveo a vingar o

(*) *Vede Cap. XLIX.*

roubo de sua esposa , correo a Grecia com Palamedes para empenhar os principes gregos á desposar sua causa , e desejava sobretudo attrahir á seo partido este principe astuto na guerra , e sabio nos conselhos.

Entretanto Ulysses não querendo abandonar por uma guerra longinqua e arriscada sua joven esposa , fingia para se isentar uma completa imbecillidade: mas Palamedes , suspeitando o ardit , foi ao lugar , onde elle lavrava um campo com apparencias de mentecapto , e poz no rego que elle traçava o joven Telemaco seo filho , á vista do qual , Ulysses desviando o arado , seo stratagemma foi descoberto.

Forçado á desempenhar a palavra que dera á Meneláo , deixou a terna Penelope , e foi encarregado de descobrir o asilo do joven Achilles (*) que seos parentes occultaraõ para o subtrahir á morte prematura que o ameaçava , e conseguindo achalo na ilha de Scyros , o fez entrar na confederaçãõ.

A testa dos Ithacos , e dos Cephalonicenses , elle se reunio ás forças combinadas dos principes gregos.

(*) *Vede Cap. XLVI.*

CAPITULO XLVI.

Achilles.

Peleo, rei da Thessalia desposou a Nereida Thetis, da qual Jupiter tinha sido namorado, mas Prometheo vaticinando que esta nympa daria á luz um filho superior á seo pai, o Deos receando a sorte de Saturno resolveo dar-lhe um esposo mortal.

D'este consorcio nasceo Achilles, o mais valente dos principes gregos que assistiraõ ao sitio de Troia.

Thetis mergulhando o recém-nascido no Styx o tornou invulneravel por todo o corpo, excepto o calcanhar, pelo qual o segurava.

Peleo confiou a educaçaõ de seo filho ao Centauro Chiron que o nutrio de corações de leões, medula de tigres, ursos e outras feras; elle o instruiu na musica, medicina, e todos os exercicios convenientes á um heroe.

Em quanto os Gregos se preparavaõ para a expediçaõ contra Troia, Calchas famoso adivinho predisse que a cidade naõ seria expugnada sem o soccorro d'Achilles; mas sua mãi, prevendo que elle pereceria n'esta guerra, o mandou occultamente em

traje de moça á corte de Lycomedes, rei de Scyros.

Assim disfarçado, o joven heroe, então chamado Pyrrha, se deo a conhecer á Deidamia filha do monarca, desposou-a secretamente, e houve d'ella um filho de nome Pyrho.

Entretanto Calchas indicando aos Crees o lugar de seo retiro, Ulysses e Diomedes chefe dos Argienses forã á Scyros disfarçados em mercadores: entre as brilhantes bagatellas que offereciã ás Damas da corte, tinã occultado uma espada e um escudo; Achil'es apenas vio estas armas, lançou mã d'ellas, e assim trahio seo segredo.

Thetis naõ podendo mais embaraçar a partida de seo filho lhe mandou fazer por Vulcano uma armadura impenetravel, e o celebre escudo taõ poeticamente descrito por Homero.

Impaciente de assignalar seo ardente valor, Achilles á frente dos Myrmidones e dos Thessalios, seguido de Patrocles seo fiel amigo, foi se reunir ao exercito grego, açampado em Aulida.

CAPITULO XLVII.

Os dois Ajaxes.

Ajax, cognominado o Maior, era filho de Telamon rei da ilha de Salamis. Seu pai tinha ajudado Hercules na sua expedição contra Laomedonte, e foi o primeiro que escalou os muros da cidade.

Hercules assistindo á um sacrificio que offerencia seu companheiro d'armas, tomou em seus braços o pequeno Ajax, e pediu á Jupiter não lhe recusasse a supplica que lhe ia dirigir; então cobrindo o infante com a pelle do Leão de Nemea, implorou ao Pai dos Deoses que tornasse o menino tão invulneravel como aquella pelle. Seu rogo foi attendido, mas a pelle do monstro, por causa do escudo do heroe não podendo cobrir um lado d'Ajax, não participou d'esta virtude.

Telamon, já muito idoso, para ir ao cerco de Troia, mandou em seu lugar seu filho, que commandava os Megarenses, e os habitantes de Salamina.

Ajax filho d'Oileo, para não ser confundido com o outro principe do mesmo nome, foi chamado o Menor. Este heroe era tão destro em todos os exercicios do

corpo que nenhum de seus contemporâneos o excedia. Elle era d'uma estatura mediocre, e trazia nos combates uma couraça de linho, para usar mais livremente de sua athletica destreza. Os Locrienses erã commandados por elle na guerra contra os Trojanos.

Estes dois principes forã igualmente famosos pela sua impiedade; pois Telamon exhortando seu filho á esperar dos Deoses a victoria, este lhe respondeo; — Mesmo os covardes querem ser victoriosos com esta esperanza; porem eu só confio na minha bravura. —

O Menor, depois de ter arrostado perigos imminentes, refugiou-se sobre o promontorio de Caphareo, onde, com uma sacrilega audacia, disse: — Escaparei á despeito dos Deoses! — Neptuno irritado d'esta blasfemia o submergiu em suas ondas.

CAPITULO XLVIII.

Priamo.

Priamo era filho de Laomedonte, rei de Troia, e foi aprisionado por Hercules, quando este heroe tomou e saqueou a capital dos estados de seu pai. Dantes elle

chamava-se Podarces, e foi resgatado por Hesione, sua irman, á quem Alcides prometera a liberdade d'um captivo á sua escolha.

Morto Laomedonte, Priamo subio ao trono d'Ilio, (*) e desposou Hecuba. Este monarca teve cincoenta filhos, dos quaes os mais celebres foraõ Hector, digno emulo d'Achilles, e o mais valente dos heroes troyanos; Paris causa da destruiçaõ de sua patria; e varias filhas, entre as quaes Cassandra e Polixena saõ as mais conhecidas.

Na sua mocidade, Priamo commandou uma expediçaõ dos Phrygios contra as Amazonas, fortificou a cidade de Troia, e alargou as fronteiras de seo reino: enviou Antenor á Grecia á fim de que Hesione lhe fosse restituída; mas esta embaixada foi mal succedida. Irritado contra o procedimento dos Gregos fez represalia em Helena, por elles reclamada: e sabendo que a confederaçãõ da Grecia se preparava para o atacar, fez alliança com os principes seos vizinhos. Eneas seo sobrinho a testa dos Dardanos, Sarpedon a frente dos Lycios, Memnon como chefe dos Persas e Ethio-

(*) Troia, assim chamada do nome de Ilo seo rei.

pes , Rheso dos Thracios.; e finalmente as Amazonas com sua rainha abi se acharad ; e emquanto os Gregos confederados estavad retidos n'Aulida por causa dos ventos , Priamo com seus numerosos alliados se dispoz para lhes oppor a mais vigorosa resistencia.

CAPITULO XLIX.

Paris.

Hecuba esposa de Priamo . pejada de Paris , sonhou que dava á luz um archote , que incendiava Troia. Esaco famoso adivinho . consultado sobre este sonho , respondeo que o menino que ella trazia no ventre causaria a ruina de seo paiz.

Portanto o recém-nascido foi exposto ; mas uma urso o amamentou ; e depois achado pelos pastores do monte Ida , cujos rebanhos ajudava á guardar foi educado debaixo do nome d'Alexandre.

Todos os Deoses e Deosas , a excepçã da discordia , forad convidados para as bodas de Peleo e Thetis. Resentida do ultraje recebido por esta exclusã , a Discordia lançou na sala do festim um pomo d'ouro com esta inscripçã — para a mais

formosa — Juno, Minerva, e Venus erãõ as tres Divindades, que com mais direito disputavaõ a preeminencia. Jupiter, naõ ouzando terminar a contenda, as enviou ao monte Ida conduzidas por Mercurio, a fiõ de que Paris a decidisse. As Deosas, depois de terem empregado todos os meios possiveis para realçarem sua belleza, se apresentaraõ ao formoso Pastor. Juno, querendo seduzil-o pela ambiçãõ, lhe prometteo as grandezas, Minerva a sabedoria e a virtude, Venus jurou de lhe dar a mais bella moça que no mundo houvesse. O pomo foi concedido á Venus, cujo unico ornato consistia no seo cinto. D'aqui veio o odio inveterado de Minerva, e Juno contra Troia, por causa d'ellas arruinada.

Paris venceo nos jogos funebres seus irmaõs, que o julgaraõ ser um pastor. Porém Deiphobo, um d'elles, querendo vingarse, elle se deo a conhecer, mostrando-lhe os panos com que sua mãi o enfaxara. Priamo apezar do oraculo o acolheo com alegria, e o mandou para Grecia, d'onde elle furtou a formosa Helena, premio que Venus lhe prometera, [e assim veio a ser a causa da guerra que destruiu sua patria.

CAPITULO L.

Guerra de Troia.

O exercito grego cuja força consistia em setenta e cinco mil homens estava reunido n'Aulida ; alem dos chefes já descritos, varios príncipes celebres entraraõ na confederaçaõ. Idomeneo á testa dos Cretenses, Agapenor á frente dos Arcadienses, Nestor (veneravel anciãõ, e o mais prudente dos Gregos) commandando os Messenienses, Menestheo os Athenienses, Thersandro os Thebanos, e outros muitos guerreiros, cuja enumeraçaõ excede os limites d'este resumo, achavaõ-se debaixo das ordens d'Agamemnon.

Durante um espaço de tempo consideravel a frota, composta de mil e setenta velas, esperando um vento favoravel, naõ podia atravessar o Hellesponto. (*)

O Summo pontifice Calchas annunciou aos chefes que Diana, irritada contra Agamemnon, continuaria á negar-lhes ventos propicios até que este monarca regasse seos altares com o sangue d'uma princeza

(*) *Hoje Estreito dos Dardanelos, que separa a Europa d'Asia.*

de sua familia: Iphigenia, sua filha, foi designada para victima; mas no momento que Calchas ia sacrificar-a, a Deosa arrebatou-a, substituindo-lhe uma corça.

Apenas terminou-se o sacrificio, o vento cessou de ser contrario; os Gregos se embarcarão, e chegarão felizmente ao promontorio de Sigeo. Os Troyanos e seus alliados se oppuzerão ao desembarque; houve um combate renhido, onde varios heroes se distinguirão de parte a parte.

Tendo um oraculo predicto que o primeiro d'entre os Gregos que pizasse na praia morreria, Protesiláo, não hesitando sacrificar sua vida pela patria, foi morto por Eneas. Achilles, depois de ter feito prodigiosas façanhas, matou Cycno, principe invulneravel, e filho de Neptuno. Este primeiro combate foi seguido d'uma prolongada tregoa: os sitiantes se occuparão de rolear seu campo com fortes paliçadas, e puzerão em secco suas embarcações, em quanto os sitiados continuavão a fortificar a cidade.

Os Gregos, durante os primeiros nove annos do cerco, se apoderarão de varias cidades visinhas, que tomarão as armas em defeza de Troia. Suas tropas erão obrigadas á se dispersarem em procura de viveres,

de que nada tinha feito provisão. Achilles saqueou a ilha de Lesbos, e entre outras cidades, tomou Lynnesso, onde, na repartição dos despojos, lhe tocou a bella Briseis: Ajax assolou a Thracia; e os outros confederados subjugarão o reino de Cycno. Durante este longo intervallo, houverão alguns combates parciaes; mas nem uma acção brilhante e consideravel; d'ambos os lados se surpreendião nas emboscadas, pilhavaõ os rebanhos, e aprisionavaõ alguns lavradores, que vendiã nos paizes visinhos.

A tomada de Troia dependia de muitas fatalidades: primeiramente era indispensavel a presença d'um descendente d'Eaco, rei da ilha d'Egina, que ajudara Apollo e Neptuno á edifical-a; e por isso o astucioso Ulysses foi encarregado de ir buscar Achilles que Thetis sua mãe occultara em traje de moça na corte de Lycomedes: depois de sua morte fizeraõ vir para o exercito Pyrho seo filho posto que muito moço ainda.

Em segundo lugar, era preciso ter as frechas envenenadas de Hercules, das quaes Philoctetes era depositario. Alguns dos chefes foraõ buscal-o na ilha de Lemnos, e conseguiraõ trazel-o ao cerco. A terceira e mais importante consistia em assenhorear-

se do Palladio, estatua de Pallas, guardada na cidade de Ilíio: Ulysses e Diomedes, introduzindo-se furtivamente na cidade, apoderaram-se d'ella.

Foi no décimo anno do assedio que Troia foi atacada com todas as forças reunidas; mas uma rixa d'Achilles e Agamemnon retardou a victoria. Para fazer cessar a peste que assolava o campo dos Gregos, Calchas declarou que Agamemnon devia entregar Chryseis, sua linda captiva, á Chryses seu pai, sacerdote d'Apollo. O monarca cedeo ás instancias dos principes seus companheiros; mas para vingar-se d'Achilles, que mais que todos, insistio na restituicão, mandou furtar na sua tenda Briseis, a quem este heroe amava apaixonadamente. Irritado d'esta offensa o filho de Thetis resolveo não combater mais pela causa commua, e se conservou fechado na sua barraca com seu caro Patrocles.

Entretanto Hector, durante o retiro de seu mais valente antagonista, fez prodigios de valor; muitas vezes rechaçou os Gregos das muralhas da cidade, perseguindo-os até o campo cujos entrincheiramentos penetrou. N'uma gloriosa acção, incendiou a frota inimiga, sustentou um combate singular contra Ajax, filho de Telamon, e,

depois de pelearem um dia inteiro, sem que um ferisse outro, elles se separaraõ, e se presentearãõ mutuamente.

Achilles e seo compauheiro permaneciao indifferentes sobre o successo da guerra; porem, quando os Troyanos, guiados por Hector, ameaçaraõ a armada, Patrocles conjurou seo amigo á tomar as armas: o heroe offendido ficou inexoravel; mas permittio ao guerreiro soccorrer seos compatriotas, emprestou lhe suas armas, e ordenou á seos soldados que lhe obedecessem. Patrocles á frente dos Thessalios carrega sobre os inimigos, que, o julgando ser o terrivel filho de Peleo, tomaõ a fugida. Hector mesmo é arrebatado por seos cavallos, Sarpedon cabe aos golpes do valente Grego, que, ufano da victoria, persegue impetuosamente os Troyanos até suas proprias portas. Entretanto, instigado por Apollo, Hector renova o combate, busca Patrocles, mata-o, e o despoja da impene-travel armadura d'Achilles; ao mesmo tempo, chegando Meneláo, Ajax e Diomedes, peleja-se ao redor do guerreiro morto; os Gregos saõ repellidos; mas o filho de Telamon alcança a victoria, e seos soldados levaõ para o campo o corpo ensanguentado de Patrocles.

Entretanto Antilocho annuncia á Achilles a perda de seo amigo ; este heroe derrama abundantes lagrimas , jura vingal-o , e torna ao combate. Cedendo á seo impetuoso ataque , os Troyanos forão perseguidos até dentro da cidade ; só Hector teve a coragem de ficar fora das muralhas , oppondo aos inimigos a mais forte resistencia , quando o vingador de Patrocles veio atacal-o : o combate foi terrivel e prolongado ; mas Achilles , ajudado por Minerva , conseguiu feril-o no pescoço , e , no meio dos mais indignos insultos , traspassou-lhe o coração com sua lança ; e , enfiando-lhe nos pés uma correia , o arrastou tres vezes em roda da cidade , atado á sua carroça. Finalmente Priamo veio ao campo dos Gregos supplicar á Achilles que lhe entregasse o corpo de seo filho ; o que elle fez mediando um resgate consideravel. Hector foi sepultado no meio d'um luto geral e profundo , seo funeral durou dez dias. Paris , que mostrou a maior covardia durante o cerco , vingou a morte de seo irmao ; debaixo do pretexto de tratar do matrimonio d' Achilles com sua irman Polyxena , o convidou para uma conferencia no templo d' Apollo , e disparando-lhe atraçoadamente uma frecha no calcanhar (unica parte vulneravel do heroe)

este morreo d'esta ferida; mas Philoctetes, arremessando ao traidor uma das frechas envenenadas de Hercules viugou a morte de seo companheiro d'armas.

Naõ obstante a perda do principal de seus defensores, os sitiados continuaraõ á resistir aos Gregos privados d'Achilles.

Entaõ Calchas aconsellhou aos chefes da Grecia que mandassem construir um enorme cavallo de madeira; em cujo interior se introduziraõ os mais intrepididos do exercito; e publicou-se depois que os sitiantes, fatigados d'um cerco taõ demorado, e naõ podendo vencer a resistencia dos Troyanos, voltavaõ para sua patria.

Com effeito a frota deo a vela, porem foi occultar-se atraz da ilha de Tenedos, deixando na praia a ingente maquina, que diziaõ ser uma offerta á Minerva.

Apenas os Gregos tinhaõ abandonado o campo, quando os Troyanos se espalharãõ na planicie, e resolverãõ-se á fazer entrar na cidade este cavallo, consagrado á Pallas; porem Laocoon, summo sacerdote d'Apollo, receando o stratagemã dos inimigos, admoestou seus compatriotas contra sua loucura, e vendo que seus conselhos naõ eraõ attendidos, tal foi a sua ira que cravou sua lança no lado do animal: entaõ um estrepi-

to surdo misturado com o somido das armas foi ouvido pelos circunstantes; porem taõ fascinados elles estavaõ pelos insinuantes discursos de Sinon espiadõ astuciosissimo, deixado pelos Gregos para auxiliar seos projectos fraudulentos; que persistiraõ no seo desingnio insensato.

Um horrivel accidente veio confirmal-os na sua resoluçaõ; duas enormes serpentes, sahindo da ilha de Tenedos, atravessaraõ o mar, e no momento em que Laocoon sacrificava á Neptuno se enrolaraõ pelo corpo de seos dois filhos, e os esmagaraõ com suas sinuosas roscas; o sacerdote voa em soccorro dos miseros mancebos, e experimenta a mesma sorte; entadõ os terriveis monstros abandonando suas victimas foraõ se refugiar no templo de Minerva.

Esta tragica scena, considerada como um castigo do golpe sacrilego empregado na offerta da Deosa, passou por um decreto divino entre os credulos Troyanos, que abrindo uma brecha na muralha á toda pressa introduziraõ na cidade o colosso que encerrava a sua destruiçaõ.

Era alta noite, por toda parte reinava o silencio, e os Troyanos jaziaõ no mais profundo somno, quando Sinon subministrando aos seos os meios de sahirem da traidora

maquina, estes se dispersarãõ, munidos de archotes, e incendiarãõ os principaes bairros da cidade. A vista da conflagraçãõ a frota emboscada se faz de vela de repente: as phalanges gregas penetraõ pela brecha com impetuosidade; e quando os miseros Troyanos buscavaõ com a fuga escapar-se das chamas, cahiaõ aos golpes dos barbaros invasores. Pyrrho ataca o palacio do monarca; parte da familia real é passada ao fio da espada; os mais saõ reduzidos á escravidãõ: o joven Polites á vista de seo proprio pai é degolado pelo cruel filho d'Achilles: o velho Priamo animado pelo amor paterno, bem que inutilmente lhe arremessa seo dardo; porem o guerreiro furioso lo arrasta pelos cabellos até o altar de Jupiter e lhe crava no coraçãõ sua mortifera espada. O piedoso Eneas, levando aos hombros seo pai Anchises guiando pela maõ seo fillinho Ascanio, e seguido de sua esposa Creusa, que perdeu n'este transito, atravessando pelo meio do incendio e da carnagem ganha as florestas do monte Ida.

Finalmente os Gregos encarnicados exterminavaõ sem piedade homens, mulheres, velhos, e meninos; as chamas acabavaõ de destruir os edificios, os templos e os palacios desahavaõ estrondosamente; os gri-

tos dos moribundos se confundia com o estrepito das labaredas, e quando o Sol veio esclarecer este theatro horroroso, de Troya só restava ruínas e destroços, de seos habitantes cadaveres; ou escravos! . . .

CAPITULO LI.

Conclusão.

A sorte da familia de Priamo foi deploravel; Hecuba sua esposa veio á ser escrava d'Ulysses; ella não cessou de accumular os Gregos de injurias e maldições para obter d'elles a morte, e foi por elles apedrejada.

Andromache viuva de Hector . conduzida ao Epiro por Pyrrho á quem tocara em partilha, foi por elle desposada: seo filho Astyanax foi precipitado do alto d'uma torre.

Cassandra na noite do saque foi violada por Ajax o Menor, na repartição dos escravos ella pertenceo á Agamémnon, á quem inspirou um amor violento.

Polyxena foi immolada por Pyrrho aos manes d'Achilles.

Eneas ajuntou sobre o monte Ida os des-

troços dos Troyanos , e depois d'uma longa e perigosa viagem aportou em Italia , onde desposou Lavinia filha de Latino , rei do paiz , e depois de vencer Turno , principe latino , que pertendia a mão d'esta princeza , fundou um novo reino ; os Romanos attribuem sua origem á este heroe.

A maior parte dos heroes gregos não foram menos infelizes voltando para seus estados : Clytemnestra tendo-se abandonado á Egistho durante a ausencia de seu esposo Agameuon , ajudada por seu amante o suffocou no banho ; e depois ambos assassinaram Cassandra , e sacrificaram seus dois filhos sobre seu tumulo.

Meneláo , desejando accelerar sua chegada , partio antes de seu irmão ; aportou em Tenedos , e d'ahi tornando á fazer-se de vela , foi constrangido á demorar se junto do promontorio de Sunium para enterrar Phrontis , seu piloto. Perto de seu porto uma furiosa tempestade o impellio á Créta , onde sua frota foi dispersada. Chegando á costa do Egypto com cinco de suas náos , errou nestas paragens por espaço de oito annos. Na ilha de Pharos encontrou Proteo adormecido , e o forçou á ensinar-lhe a derrota de seus estados , onde enfim chegou depois d'uma feliz navegação.

Ulysses na altura do cabo Malea, foi assaltado por uma tempestade, que lançou a frota sobre as costas d'Africa; o mesmo vento o forçou á aportar na praia habitada pelos Cyclopes, onde com doze de seus companheiros penetrou a caverna de Polyphemo; seis d'elles ja tinhad sido devorados por este anthropophago, quando Ulysses, aproveitando o tempo de seu somno, lhe furou seu unico olho com uma estaca aguçada no fogo, e atando a si, e a seus amigos por baixo da barriga dos carneiros do gigante, puzerad-se em liberdade. Elle passou um anno na ilha de Circe, famosa feiticeira, filha do Sol, que transformou em porcos vinte dois de seus companheiros. Continuando sua viagem, perto da Sicilia evitou os enganjos das Sereas, cujas vozes seductoras attrahiad os navegantes para os escolhos de Scylla, e Charybdes. Naufragando perto da ilha d'Ogygia perdeu o resto de seus companheiros; e salvando-se sobre um mastro foi acolhido pela Nymphe Calypso, que com seus affagos ahi o deteve sete annos. Emfim partindo desta ilha transportou-se á Ithaca n'um navio pheaceo; introduzio-se no seu palacio em traje de mendigo; e terminou as injustas pertençdes dos amantes de Penelope sua esposa, que, por causa de

sua longa auzencia, o julgara morto.

Diomedes na sua volta abordou em Phalera n'Attica, onde tendo seos guerreiros pilhado o paiz, elle foi rechaçado por Demophoon, rei d'Athenas; erigio em Corintho um templo á Minerva, sua constante protectora, e na sua chegada em Argos achando sua esposa namorada de Cyllabaro, mancebo formoso, tal foi seo desgosto que emigrou para Italia, onde edificou a cidade d'Argos Hippiou, depois chamada Arpi.

Ajax filho de Telamon, depois da morte d'Achilles, disputou á Ulysses as armas d'este heroe; mas seo competidor as obteve pela sua eloquencia. Furioso da preferencia, Ajax destruiu uns rebanhos, que julgava ser seos inimigos; mas conhecendo sua loucura matou-se desesperado.

Ajax o menor morreo submergido por Neptuno irritado do attentado por elle commettido ao pudor de Cassandra.

Idomeneo, á ponto de naufragar debaixo d'um furacão, fez voto á Neptuno de sacrificar-lhe a primeira pessoa que encontrasse na praia, se chegasse á salvamento. Aportou felizmente; mas sendo seo filho o primeiro que veio á seo encontro, o fanatismo excedeo ao amor paterno: elle ia cumprir seo voto insensato, quando o povo ar-

rancou a victima do altar, e o forçando á se expatriar, elle deo a vela para Italia, onde fundou a cidade de Salento.

Agapenor, impellido pelos ventos, arribou em Chypre, onde edificou a cidade de Paphos, e erigio um magnifico templo á Venüs.

FIM.

PERNAMBUCO; NA TYPOGRAFIA FREDIGNA, RUA DAS FLORES
N.º 18. 1831.

ERRATA S.

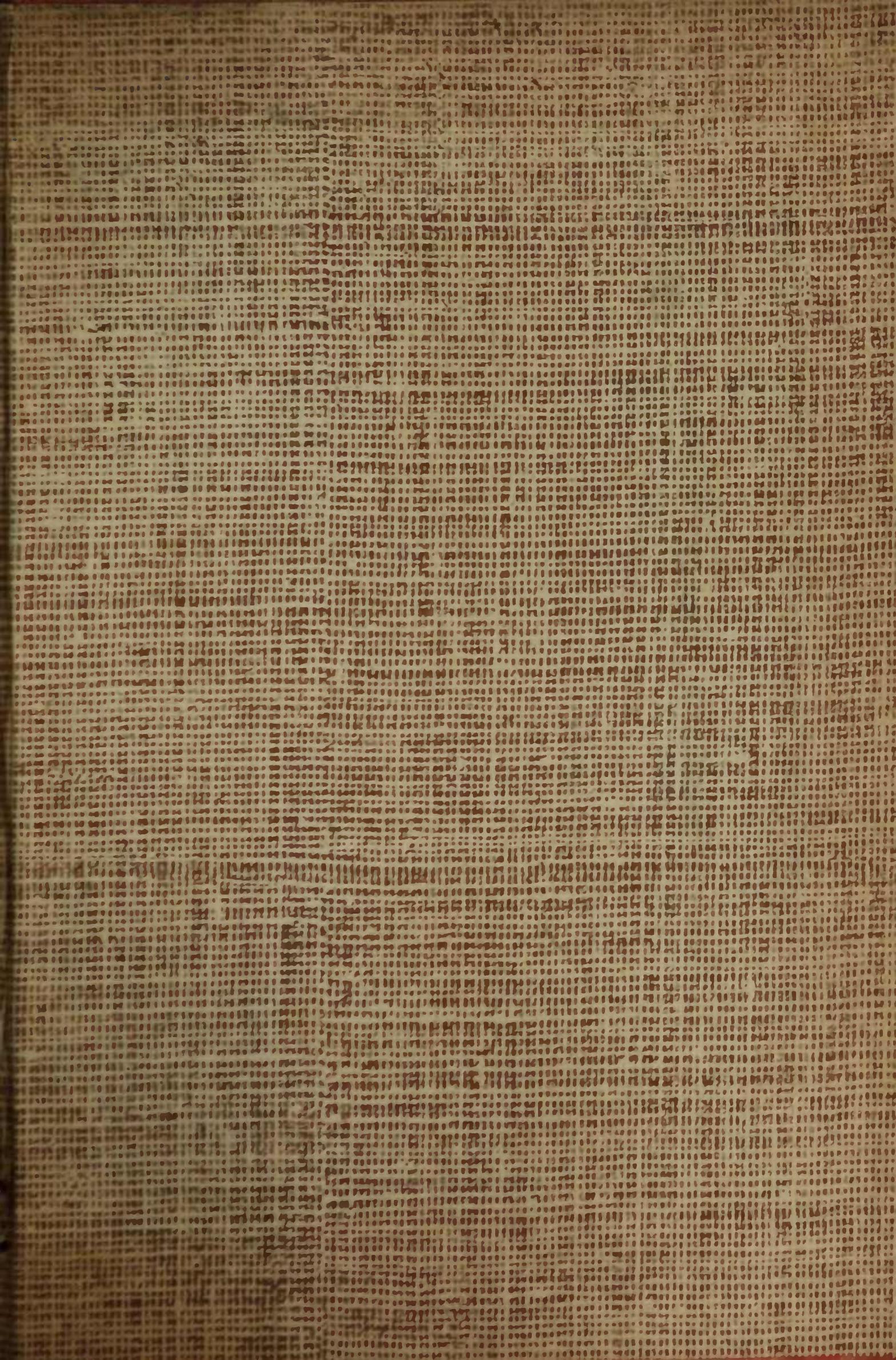
<i>Pag.</i>	<i>Link.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
11.	18.	ressentimento.	resentimento.
15.	4.	Cýpre.	Chypre.
21.	13.	polyphemo	Polyphemo
19.	23.	talho	talhe
24.	28.	passase	passasse
31.	6.	talho	talhe
37.	2.	sceptro	sceptros
37.	7.	poesia	poesia lyrica
37.	10.	pepueno	pequeno
39.	26.	as prtas	as portas
48.	19.	Pandora mulher	Pandora, mulher
48.	25.	uma	d'uma
62.	17.	Einalmente	Finalmente
66.	6.	Applacada	Aplacada
69.	20.	Polydectes	Philoctetes
75.	24.	Aphuida	Aphidna
77.	19.	longiqua	longinqua
84.	25.	Telemaco,	Telemaco
91.	5.	alliado-	aliados
91.	25.	discordia	Discordia

INDEX.

	Pag.
CAP. 1. ^o <i>Chaos e Erebe</i>	4
CAP. 2. <i>Urano e Ghea</i>	6
CAP. 3. <i>Saturno e Rheã</i>	7
CAP. 4. <i>Idade d'ouro</i>	8
CAP. 5. <i>Jupiter</i>	9
CAP. 6. <i>Juno</i>	10
CAP. 7. <i>Hebe</i>	12
CAP. 8. <i>Marte</i>	12
CAP. 9. <i>Vulcano</i>	13
CAP. 10. <i>Venus</i>	14
CAP. 11. <i>Cupido</i>	16
CAP. 12. <i>Minerva</i>	18
CAP. 13. <i>Neptuno</i>	20
CAP. 14. <i>Plutaõ</i>	22
CAP. 15. <i>Ceres</i>	23
CAP. 16. <i>Vesta</i>	25
CAP. 17. <i>Latona</i>	26
CAP. 18. <i>Apollo</i>	27
CAP. 19. <i>Diana</i>	30
CAP. 20. <i>Mercurio</i>	31
CAP. 21. <i>Baccho</i>	33
CAP. 22. <i>Musas</i>	36
CAP. 23. <i>Eolo</i>	38
CAP. 24. <i>Iris e Aurora</i>	39
CAP. 25. <i>Fortuna e Pluto</i>	41
CAP. 26. <i>Como e Momo</i>	42
CAP. 27. <i>Flora e Pomona</i>	44

	Pag.
CAP. 28. <i>Pãu, Sylvano, Satyros e Fãunos</i>	45
CAP. 29. <i>Somno e Morptheo</i>	47
CAP. 30. <i>Prometheo</i>	48
CAP. 31. <i>Nymphas</i>	49
CAP. 32. <i>Lares, Penates, Larvas, e Termo</i>	51
CAP. 33. <i>Rios</i>	52
CAP. 34. <i>Perseo</i>	55
CAP. 35. <i>Orptheo</i>	57
CAP. 36. <i>Cadmo</i>	59
CAP. 37. <i>Oedipo</i>	61
CAP. 38. <i>Minos</i>	62
CAP. 39. <i>Hercules</i>	64
CAP. 40. <i>Theseo</i>	70
CAP. 41. <i>Castor e Pollux</i>	75
CAP. 42. <i>Jason</i>	77
CAP. 43. <i>Atreo e Thyestes</i>	80
CAP. 44. <i>Agamemnon e Menelão</i>	83
CAP. 45. <i>Ulysses</i>	84
CAP. 46. <i>Achilles</i>	86
CAP. 47. <i>Os dois Ajaxes</i>	88
CAP. 48. <i>Priamo</i>	89
CAP. 49. <i>Paris</i>	91
CAP. 50. <i>Guerra de Troia</i>	93
CAP. 51. <i>Conclusão</i>	102.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).